

A JUSTEZA E A BONITEZA: A ESTÉTICA-ÉTICA DAS SERTANÍAS EM PAULO FREIRE

Dr. Marcos Ferreira-Santos  0000-0003-4180-7233
Universidade de São Paulo

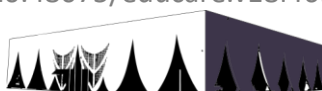
RESUMO: Este artigo apresenta a abordagem *mitohermenêutica* (Círculo de Eranos, Andrés Ortiz-Osés, Ferreira-Santos) sobre a obra e trajetória de Paulo Freire revelando as pertinências e ressonâncias simbólicas de sua práxis com um imaginário (em seu sentido técnico a partir de Gilbert Durand): *crepuscular* (Ferreira-Santos). Nesse sentido, a partir de seu poema "*canção óbvia*" (1971), a constituição mítica e "práxica" do jardim, da rosa e da árvore (*axis mundi*), suas íntimas ligações com o *tópos* libertário desde a *Comuna de Paris* (1871), passando pela resistência francesa e independências africanas, além da resistência aos golpes militares na América Latina, a partir da utopia e da *ucronia*, numa conciliação constante (*coincidenta oppositorum*) entre ética (justeza) e estética (boniteza). Modulado por testemunhos memorialísticos, a investigação também alerta para as recentes recepções "endemonizadas" ou ainda "descafeinadas" das contribuições de Paulo Freire, "pós-modernamente" descontextualizado de seu compromisso histórico e seu engajamento político-social.

PALAVRAS-CHAVE: Mitohermenêutica; Educação Popular; Práxis Freiriana; Ética; Estética.

FAIRNESS AND BEAUTY: THE AESTHETICS-ETHICS OF SERTANÍAS IN PAULO FREIRE

ABSTRACT: This article presents the myth-hermeneutic approach (Círculo de Eranos, Andrés Ortiz-Osés, Ferreira-Santos) on the work and trajectory of Paulo Freire, revealing the relevance and symbolic resonances of his praxis with an imaginary (in its technical sense from Gilbert Durand): *crepuscular* (Ferreira-Santos). In this sense, from his poem "*Canção Óbvia*" (1971), the mythical and "practical" constitution of the garden, the rose and the tree (*axis mundi*), its intimate connections with the libertarian *topos* since the Paris Commune (1871), passing through the French resistance and African independences, as well as resistance to military coups in Latin America, from utopia and *ucronia*, in a constant conciliation (*coincidenta oppositorum*) between ethics (fairness) and aesthetics (beauty). Modulated by memorialistic testimonies, the investigation also alerts to the recent "demonic" or even "decaffeinated" receptions of Paulo Freire's contributions, "postmodern" decontextualized from his historical commitment and his political-social engagement.

KEYWORDS: Mythohermeneutics; Popular Education; Freirian Praxis; Ethic; Aesthetics.



Razão e a ciência só ligam os homens às coisas, mas o que liga os homens entre si, ao humilde nível das felicidades e das penas cotidianas da espécie humana, é a representação afetiva, porque vivida, que o império das imagens constitui.”

Gilbert Durand(2000, p.104)



**“Escolhi a sombra desta árvore para
Repousar do muito que farei
Enquanto esperarei por ti.
(...) Por isto, enquanto te espero
Trabalharei os campos e
Conversarei com os homens
(...) Estarei preparando a tua chegada
Como o jardineiro prepara o jardim
Para a rosa que se abrirá na primavera”**

Paulo Freire

(“Canção Óbvia”, Genebra, março de 1971)¹

Paulo Freire retornando a Angicos/RN, 1993, depois de 30 anos da experiência.

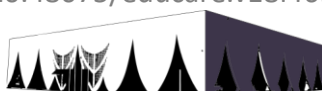
1 INTROITO

Esta canção, que não é tão óbvia para grande parte das pessoas, diz em síntese poética o anúncio de uma vida devotada à ancestralidade de seu lugar, do seu *oikós*², de um “*menino conectivo*”³ que interligava as pessoas entre si sob a sombra de uma árvore (sua *arkhé*). O *oikós*, do grego casa, lugar – que vai derivar nos prefixos de ecologia assim como de economia, é o rincão natal que vai estabelecer, através da topofilia (paixão pelo lugar) as relações ancestrais que, por sua vez, vão consubstanciar um ecossistema

1 Acervo de Ana Maria Araújo Freire *In*: Freire, 2000.

2 Ferreira-Santos, 2021c, pp. 73-145.

3 Depoimento de Moacir Gadotti *In*: Freire, 1998, programa 1.



arquêmico de imagens, símbolos e narrativas apreendidos conforme a estrutura de sensibilidade predominante, naquele momento de leitura, de quem os vive.

Depois do muito que ele faria para depois apenas repousar; e a atitude compromissada em tantas jornadas, trabalhando os campos e conversando com os homens: o compromisso sementeiro das comunidades agrícolas e o primado do diálogo dos viajantes. A canção óbvia atualiza no presente vivido (*sic et nunc*) a preparação para a tua chegada (o *telós*) – realização da vida, assim como o jardineiro que cuida do jardim para a necessária rosa que se abrirá na primavera. Mesmo sob o sol abrasador das *sertanias*.

As *sertanias* são, entre os vários ecossistemas arquêmicos múltiplos deste país continental (pátria que ainda não é nação) na matéria de suas múltiplas geografias. Do mesmo nordeste e litoral, desta feita, recifense, como a de Paulo Freire, temos a cerâmica ancestral e o traço feminino no desenho da estatura de um artista plástico como *Francisco Brennand* [1927-2019] explicitando toda a dimensão simbólica que reveste a mão em seu trabalho com o corpo da terra-mãe, seu barro, matéria-prima que o oleiro/ferreiro utiliza para dar vida às suas criações usando o forno como útero emprestado. Ferreiro das argilas e dos processos de esmaltação apaixonado tal *Hefáisto-Vulcano* por *Palas Athena*. Em sua oficina, sítio e agora museu, é possível ver as marcas de sua gigantesca bigorna nos jardins, as séries atenaicas e sua assinatura com o ofá de *Oxóssi* yorubá. Estivemos junto em 2009 numa empreitada para a utilização da cerâmica e argila na formação de professores de Recife tendo a leitura mítica das obras como ampliador de significâncias para além do meramente “didático” e exercitar o vórtice do processo criativo.

O sertão em seus emaranhados lusitanos e ibéricos de um canto medieval que se atualiza nos cegos cantadores, nos gibões dos vaqueiros, nos aboios e puluxias, tiranas e malungos parceiros na voz do grande menestrel, Elomar Figueira de Melo (1937), de Vitória da Conquista/BA, escritor, compositor de óperas e árias sertânicas.

Elomar evidencia em sua grande obra a raiz mítica e mourisca medieval dos cantares *sertanezes*, que por sua vez, se materializa na matriz das xilogravuras de cordel de José Francisco Borges (1935): tradução imagética da ética armorial de um saudoso Ariano Suassuna (1927-2014), sempre dialogar com as mais autênticas expressões da cultura popular aliadas a uma construção erudita, ética, e sem perder-se nos colonialismos Ferreira-Santos (2021d, p. 29-49): justeza e boniteza freirianas.



A “canção óbvia” de Paulo Freire, em nossa epígrafe, além de excerto poético de uma gigantesca expressão mundial em termos de educação e filosofia, concentra, a meu ver, seu legado e, ao mesmo tempo, seu testamento mítico em termos simbólicos, desde os primeiros passos na terra pataxó de Angicos (Rio Grande do Norte), em 1963.

E o jovem Paulo Freire, quanto mais testava, na prática, essa nova concepção de educação e de ensino-aprendizagem, mais se convencia de que ‘ouvir’ o outro, com os ouvidos ‘de dentro’, implicava em reconhecer e se formar no processo cidadão do diálogo, do respeito e aos pensamentos diferentes, aos diferentes jeitos de ser, estar, sentir e criar (ARELARO, 2007, p. 55).

Nos vinte anos que nos separam de sua morte e sua transição ao mundo dos ancestrais, muito já se tem escrito, debatido, falado, pesquisado e inventariado sobre sua obra escrita e seu perfil existencial. E inclusive, para espanto dos (minimamente) democratas também tivemos que assistir ao descabro das difamações, endemoniações, expurgos e perseguições a Paulo Freire, seu legado, e inclusive aos seus colaboradores, durante os últimos quatro anos no Brasil de um governo (2018-2022) reacionário, negacionista, armamentista, violento, miliciano, fascista, xenófobo, homofóbico e misógino sob a direção daquele que não merece ter seu nome gravado em lugar nenhum, senão entre os anais históricos dos genocidas e dementes detratores da humanidade. Estivemos assistindo, assim como “e o povo assistiu bestificado”, na carta publicada pelo jornalista e republicano Aristides Lobo (1838-1896) escrita na tarde de 15 de novembro de 1889 e publicada no dia 18 no Diário Popular, sobre a proclamação da república, o povo assistiu àquilo bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava. Muitos acreditaram seriamente estar vendo uma parada.

Mas, ver esta “parada militar” do avanço totalitário, reacionário, para não dizer apenas nazifascista (pois se reveste de várias camadas camaleônicas, mas sempre populista), das atuais milícias (digitais ou em horror e sangue nas periferias) não se esgotou no totalitarismo da década de 20, consolidada nos anos 30 e que provocou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Esteve sempre à espreita e se manifestou no ciclo de golpes militar na América Latina (e em outros rincões também) nos anos 60 e 70. Refluíu nas ditas “transições democráticas”, mas bastou surgir o “capitalismo de vigilância” (ZUBOFF, 2020; FERREIRA-SANTOS, 2022). a partir dos anos 2000 com o avanço



internético e digital, para, literalmente, saírem do armário e revelarem suas faces sob o mesmo e velho argumento pífilo do patriotismo.

Para mim, sempre a sombra de uma nova idade média, como já havia sinalizado anteriormente Nikolay Berdyaev (1874-1948) e Emmanuel Mounier (1905-1950) no âmbito da Antropologia da Pessoa; mas, agora de estrutura digital.

Não utilizo o termo talvez mais conhecido como “personalismo”. O problema é que este termo foi contaminado pela recepção imediata, acrítica e sem conhecimento histórico que passa a confundir este movimento específico com as teses do “culto à personalidade” frequentes no *modus operandi* de lideranças carismáticas, nazifascistas, populistas, e do realismo socialista. Para evitar essa rápida e danosa identificação com gerações de leitores mais recentes e mais apressados, é que preferimos o termo mais técnico e mais fiel de “antropologia da pessoa”. Talvez seja preciso efetuar uma recondução àquilo que realmente importa, tal como fez Paul Ricoeur, hermeneuta e célebre integrante da Antropologia da Pessoa. Neste sentido, Ricoeur vai afirmar de maneira categórica: “morre o personalismo, regressa a pessoa” (FERREIRA-SANTOS, 2021a, p. 97; RICOEUR, 1992, p. 13).

Berdyaev, filósofo ucraniano e uma das pilasstras da Antropologia da Pessoa, já nos advertia nos anos 1920 que a crença de que o futuro será necessariamente melhor é, única e tão somente, uma crença. Na história humana nada confirma esta crença muito embora ela seja o esteio do progressismo e do “inevitável” e veloz avanço tecnológico. E que o ser humano não é necessariamente “bom” (ao modo rousseauiano) e nem “mau” (ao modo hobbesiano), mas “doente”; e é através do processo de construção da pessoa em sua equilíbrio - processo de personalização muito próxima do processo de individuação do suíço Carl G. Jung (1875-1961) é que tenta atingir alguma sanidade num mundo absolutamente trágico:

A cultura antiga entrou em decadência e, aparentemente, morreu, mas continua vivendo em nós, constitui um estrato profundo de nosso ser. Na época da civilização, a cultura se retira às profundidades (...). Na civilização começam a se manifestar processos de barbárie (BERDYAEV, 1979).

E Mounier, um dos vários estudantes que se juntavam às conversas com Berdyaev, no quintal de sua casa, encontros conhecidos como “os seminários de Clamart” – mas que



estavam completamente longe das configurações acadêmicas e distante da universidade católica e conservadora, reafirmaria:

Por trás dessa tela sem brilho lampeja uma grande aventura, um drama para além de toda e qualquer medida, que, precisamente por não ser mensurável, segundo nossos efeitos, é mais transparente ao silêncio do que ao barulho mais frequente, às palavras cotidianas, pai, pão, alegria, morte, amor, pecado, do que às mobilizações dramáticas dos nervos (...) aqueles que o progresso das técnicas materiais exalta a ponto de lhes cumular plenamente os anseios do coração e libertá-los de todo e qualquer fantasma, podem lançar cruzadas contra o desespero. Essas já estão arrastando, nos seus vagões, o desespero de amanhã, aquele desespero que não permite mais recurso algum, nem permite sequer o gosto dos abismos, pois os abismos serão supressos por decreto depois pelo terror, em seguida por hábito. E, desta vez, o verdadeiro juntamente com os falsos (MOUNIER, 1958, p. 93).

No caso do Brasil, desde a última eleição de 2018 nos assegura que, pelo menos, metade da população aderiu a este nefasto câncer social, a supressão do abismo por decreto. Nas recentes eleições de 2022, a margem apertada que garantiu o retorno do ex-operário, Luis Ignácio Lula da Silva, ao governo só reafirma o quanto estamos ainda assistindo bestificados (honrosas exceções aos movimentos civis organizados na defesa da democracia). Mas, me parece inegável pensar que esta outra metade da população, refém das redes-sociais e aplicativos de mensagens, é consubstanciada pelo homem-massa. Esse destino do homem-massa, pasteurizado, tornado igual, homogêneo. Renato Treves [1907–1992], filósofo e sociólogo italiano sintetiza as ideias do filósofo espanhol Ortega y Gasset [1883-1955], muito próximo da “antropologia da pessoa” sobre o homem-massa:

O homem-massa é o homem satisfeito de si mesmo, que não trata de melhorar porque se considera perfeito; é o homem que não tem dúvidas porque possui as ideias categóricas sobre tudo quanto acontece ou deve acontecer no universo; é o homem que não dá ouvidos a outros porque julga saber tudo quanto necessita; é sobretudo o homem que não quer dar razão e tampouco ter razão e se manifesta somente disposto a impor suas opiniões (...) o homem-massa se sentiria perdido se aceitasse a discussão. Declara, por isso, que é necessário terminar com as discussões e que se deve impor a própria vontade com a ação direta, esmagando toda força opositora (MONDOLFO, 1967, p. 62).

No entanto, aqui, com o pretexto de alguma contribuição, gostaria de apontar e compartilhar algumas reflexões meditativas, como, honrosamente, me intitului os pensamentos, o amigo e poeta paraense, amante da Amazônia, João de Jesus Paes Loureiro. Como um aprendiz da boniteza das ousadias e da camaradagem que a



solidariedade formativa coloca como ponto de partida e de chegada nestas tertúlias de compromisso e engajamento educacional, algumas reflexões no âmbito da *mitohermenêutica* e das pesquisas em mitologia comparada com comunidades tradicionais e povos originários que eu venho realizando ao longo dos últimos 40 anos, além de alguns contributos memorialísticos das várias facetas de Paulo Freire.

Se detêm sobre o aspecto ético e estético (a justeza e a boniteza) na visão mais antropológica de Paulo Freire que o aproxima da antropologia da pessoa e dos estudos sobre o imaginário, ainda que bem marcado pela perspectiva ainda político-partidária. Mas, eram outros tempos e esta adesão carnal no mundo que exigia (e creio que ainda exige) atitudes, posturas e princípios. Ainda que o pós-modernismo tenha tentado tornar estas “bandeiras” algo *demodé*.

No interior de Pernambuco, à sombra de uma mangueira, um menino com um graveto na mão inicia o seu processo de leitura do mundo. Com a crise de 1929, é submetido à fome, assim como grande parte da população brasileira. Com intuito de minimizá-la, percorreu quintais alheios - jaqueiras, mangueiras, cajueiros, pitangueiras. Na infância da juventude, uma outra fome ocupa o seu tempo: as palavras. E ele as devora como se elas fossem pedaços de comida. E essa foi a sua busca até a eternidade: as palavras. Através delas e com elas, percorre territórios disseminando a sua pedagogia de ensino e revoluciona a educação mundial. Movido pelo desejo de liberdade de si e dos outros, sonha com a justiça, com a equidade, com a superação dos obstáculos impostos por uma sociedade opressora e propaga nos homens e nas mulheres mais simples a vocação para o “ser mais”. *Paulo Freire, o andarilho da utopia* derrama no palco a trajetória de um dos maiores pensadores do mundo (RIGUETTI; ROCHA; SANTOS, 2019).

É sobre este recifense “menino conectivo” amante das pessoas e dos bichos, das plantas, árvores e do mundo, que me detenho a testemunhar, pessoal e teoricamente, como quem se defronta com a magnitude de uma paisagem montanhosa.

Existe de fato um tema arquêmico, filo e ontogenético, que exercitamos em comum. Uma professora universitária da UNIFESP, no campus de Guarulhos, Francine Fernandes Weiss Ricieri (Unifesp), mediadora numa conversa⁴ a que eu fora convidado, em 2019, para dialogar com João Adolfo Hansen (USP/Unifesp), especialista em Guimarães Rosa e Gregório de Matos, sobre “Culturas e democracia na universidade pública”, ao apresentar o currículo Lattes de ambos os participantes, havia dito que eu conseguia tornar até o

4 V Congresso Acadêmico, 25 anos de UNIFESP, 3 a 6 de junho de 2019, Campus Guarulhos, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.



currículo Lattes numa transgressão poética, como ato poético, pela maneira como eu informava o resumo de apresentação. E este resumo principia, como sempre, com a autoafirmação de que sou negrindio, jardineiro (antes de tudo), artesão, folklorista e professor livre-docente de mitologia na USP. Não sou “da” USP, mas estive “na” USP, numa afronta a qualquer tentativa de institucionalização de minha pessoa.

Mas, o caso é que o ofício de jardineiro foi o primeiro ofício que aprendi ainda com minha mãe no ambiente doméstico, depois no mundo exterior (cheguei a plantar uma árvore junto com Laudo Natel (1920-2020), então governador de São Paulo no período 1971-1975 pelo partido conservador ARENA que, depois foi sendo substituído pelo malufismo crescente dentro do próprio partido). Era um evento escolar. Mas, sempre movido pela leitura precoce (fui alfabetizado em casa pelo meu pai aos 5/6 anos de idade) do clássico *“Tistou les pouces verts”* [1952], aqui traduzido como “O menino do dedo verde”, do partisan e escritor francês, Maurice Druon (1918-2009), que, curiosamente, tinha um bisavô brasileiro, Odorico Mendes (1799-1864), tradutor de Homero e Virgílio. O mito, sempre o mito.

O próprio Druon⁵ havia escrito a letra de “Canto dos Partisans” (1957), com seu tio, o romancista argentino de origem lituânia, Joseph Kessel (1898-1979), e musicado pela russo-francesa Anna Marly (1917-2006), e que serviria como inesquecível hino da resistência francesa durante os anos de ocupação nazista. Se tornou ainda mais conhecida internacionalmente quando das gravações do ator e cantor ítalo-francês Yves Montand⁶ [1921-1991] em 1969, do escritor e cantor canadense Leonard Cohen [1934–2016] também em 1969, a canadense Buffy Sainte-Marie em 1970, a norte-americana de origem mexicana Joan Baez em 1972, a israelense Esther Ofarim em 1972, etc.:

Amigo, você ouviu o voo negro dos corvos sobre as nossas planícies? Amigo, você ouviu os gritos do país que estão acorrentando? Hey, partisans, operários e camponeses é

5 Ainda que o próprio Maurice Druon, um de seus autores, tenha dado uma guinada à direita conservadora quando ministro da cultura a partir de 1973.

6 Yves Montand - *Le chant des partisans* (1969). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DeXraool4QE&t=21s>. A popularidade e o significado da canção a levou a ser proposta como hino nacional francês, embora sem sucesso, em substituição à Marselhesa da Revolução Francesa composta por *Claude Joseph Rouget de Lisle* em 1792, cantada com vigor, principalmente pelas unidades da cidade de Marselha, o que lhe valeu o epíteto. Há opiniões musicológicas de que Lisle teria se inspirado no Concerto n.º 25, em Dó maior (K. 503) do austriaco Wolfgang Amadeus Mozart [1756 -1791], composto em 1786, e que possui várias ressonâncias similares ao andamento, contrapontos e frases melódicas sobretudo em seu Allegro maestoso em comparação com a posterior Marselhesa.



o alarme. Esta noite, o inimigo conhecerá o preço de sangue e das lágrimas. Subam da mina, desçam das colinas, camaradas! Tirem a palha dos fuzis, a metralha, as granadas Hey, os matadores com balas e com faca, matem rápido! Hey, sabotador, cuidado com tua carga: Dinamite Somos nos que destruimos as barras das prisões para os nossos irmãos. Ódio em nossos calcanhares e a fome que nos move, a miséria Há países onde as pessoas no aconchego das camas sonham. Aqui, você vê nós marchamos, e matam-nos, estamos morrendo Aqui cada um sabe o que quer, o que ele faz quando ele passa. Amigo, se você cair, um amigo sairá das sombras e tomará o teu lugar. Amanhã sangue negro secará sob o Sol forte nas estradas Cantem companheiros, a noite da Liberdade vos escuta Amigo, você ouve o voo negro dos corvos sobre as nossas planícies? Amigo, você ouve esses gritos surdos do país que acorrentam?

Além desta versão original, a tradução para o inglês e outras línguas teve várias alterações, mantendo o espírito da canção, mas incluem ainda outras imagens candentes, como por exemplo:

Quando eles atravessaram a fronteira fui advertido a me render
Isso eu não podia fazer; peguei minha arma e desapareci
Eu mudei meu nome tantas vezes. Eu perdi minha esposa e filhos
Mas eu tenho muitos amigos e alguns deles estão comigo
Uma velha nos deu abrigo nos manteve escondidos no sótão
Então os soldados vieram; ela morreu sem um sussurro

Havia três de nós esta manhã, eu sou o único esta noite
Mas devo continuar; as fronteiras são minha prisão
Oh, o vento, o vento está soprando através das sepulturas o vento está soprando
A liberdade logo virá; então vamos sair das sombras
Os alemães estavam na minha casa, eles me disseram: “Assine você mesmo”,
Mas não tenho medo; peguei minha arma
Eu mudei meu nome cem vezes, perdi esposa e filhos
Mas eu tenho tantos amigos; eu tenho toda a França
Um velho em um sótão para a noite nos escondeu
Os alemães o levaram; ele morreu sem surpresa
Oh, o vento, o vento está soprando através das sepulturas o vento está soprando
A liberdade logo virá, então vamos sair das sombras

Se trata de mais uma “canção óbvia” para quem tem ainda muito a fazer, sair das sombras, regenerar preparando o jardim para a rosa que surgirá na primavera. A mesma e velha esperança ativa como mecanismo de resistência face ao totalitarismo.

Mas, a leitura desta obra tinha a tradução do monge beneditino mineiro, Dom Marcos Barbosa [1915-1997], que mantinha uma coluna semanal no Jornal do Brasil, e tornou-se secretário particular de Alceu Amoroso Lima [1893-1983], crítico literário e líder católico de esquerda e assim como Dom Marcos Barbosa integravam a Ação Católica



Brasileira. Foi tradutor das conhecidas obras: O Pequeno Príncipe, O Menino do Dedo Verde e Marcelino Pão e Vinho.

A Ação Católica Brasileira que fundaria a CNBB em 1952, tendo Dom Helder Câmara [1909-1999], e seria arcebispo honorário da mesma Olinda e Recife de Paulo Freire, como secretário-geral, também organizou os movimentos Juventude Agrária Católica (JAC), envolvendo jovens do campo, a Juventude Estudantil Católica (JEC), com jovens estudantes do ensino médio (secundaristas), a Juventude Operária Católica (JOC), de atuação no meio operário, a Juventude Universitária Católica (JUC), formada por jovens universitários, bem como a Juventude Independente Católica (JIC).

Com a derrocada do nazifascismo, a liberação da Europa no pós-guerra, houve uma crescente influência de pensadores católicos humanistas franceses como o filósofo Emmanuel Mounier, o paleontólogo e jesuíta Teilhard de Chardin [1881-1955] e o filósofo Jacques Maritain [1882-1973], participantes da “antropologia da pessoa” e do movimento da revista “*Esprit*”, contribuindo para a formação de um pensamento social no seio do catolicismo brasileiro, ainda que destoante da alta hierarquia católica por sua proximidade ao anarquismo e ao socialismo.

Embora Dom Helder Câmara tenha tido uma passagem pelo movimento integralista, sempre foi um árduo crítico da ditadura militar [1964-1985] e defensor dos direitos humanos. O que lhe valeu perseguições e o epíteto de “o arcebispo vermelho”. Estas organizações foram, em grande parte responsáveis pela resistência ao golpe militar de 1964, detonado pelas Marchas da Família com Deus pela Liberdade, em 19 de março de 1964, com cerca de quinhentas mil pessoas tendo como “marchadeiros” grande número de cristãos e cristãs de classe média reacionários em oposição às “reformas de base” do então governo de João Goulart [1919-1976] que julgavam “comunizar” o Brasil.

Os movimentos leigos da Ação Católica tinham sempre como horizonte a transformação social, como por exemplo o MEB – Movimento de Educação de Base, as CEBs – Comunidades Eclesiais de Base, o (MPC) Movimento Popular de Cultura em Recife, a Campanha de Educação Popular (CEPLAR) na Paraíba; e em todos estes movimentos se utilizava como inspiração e linha de ação a experiência alfabetizadora de Paulo Freire.

Falando da verdade mesma de minha presença na história da educação brasileira, não é que eu ache que ser um especialista em alfabetização de adultos seja uma



coisa inferior, de jeito nenhum! Eu acho uma coisa de uma importância enorme. Só que a minha preocupação desde o começo era um pouco mais “gulosa” do que essa: o que eu buscava desde aquela época nos anos 50 era uma crítica à educação brasileira e não só brasileira. E eu me inclua nesta crítica ao formalismo mecanicista das práticas de alfabetização de adultos (FREIRE, 1998, programa 2).

Mas, a Igreja Católica estava dividida entre as heranças das reuniões de Puebla (México), com a clara opção pelos pobres; e o fisiologismo e o caráter reacionário de boa parte das comunidades que festejavam o golpe militar. Aqueles muitos oriundos da Ação Católica que se haviam juntado à Ação Popular, em função da própria repressão violenta e perseguição, muitos acabaram por optar pela via armada em 1971.

Portanto, minha leitura, ainda que precoce do “Menino do dedo verde”, para mim, era um ato político e não apenas o desfrute de uma obra poética, ainda que sempre tenha permanecido também em seu terreno mitopoético. Aprender com o mestre “Bigodão”, o ofício de jardineiro e, sub-repticiamente, plantar sementes nas armas que seu próprio pai fabricava, para que os canhões e fuzis disparassem flores. Ao final, o cavalo, aparentemente, pastoreando a grama, escreve a frase no chão que explicaria o desaparecimento do menino: “Tistou era um anjo”. A jardinagem da “canção óbvia” sempre foi uma forma de resistência e de “denúncia-anúncio”, outro par contraditório que Paulo Freire sempre manifestava em seus textos e conversas.

Nunca abandonei o ofício de jardineiro e acabei, por motivos docentes (e míticos, em seu sentido técnico) me dedicando também ao cultivo de *penjing* (estilo chinês com reprodução da paisagem sobre o vaso) e *bonsai tropical*: estilos de origem brâmane hindu de cultivo de árvores em bandejas ou vasos para transporte com finalidade terapêutica. Data de mais de 6000 anos e, somente no séc. XIV é que chega ao Japão através da disseminação da técnica chinesa pelo reino de *Ryukyu* (em território do povo originário *uchinanchu*), depois invadido e anexado pelo Japão em 1878 e convertido em mera “prefeitura” com o nome de Okinawa. A prática envolve uma “educação da árvore” que, de acordo com os princípios *jain* (origem hindu dos correlatos *cha’an* chinês e *zen* nipônico) envolve não a “formatação” da árvore conforme os seus designios, mas aprender com a árvore o que ela quer durante o processo de seu cultivo e manutenção. E na espera, a constante contemplação. Essa é a educação da árvore.



Um mito de origem dos tibetanos nos ensina que haviam apenas macacos na terra. Se agitavam diariamente na busca de alimento, do aconchego do bando, na busca de água e assim viviam, se divertiam e também se protegiam das ameaças de eventuais predadores. Num determinado momento, um dos macacos ficou abismado com a paisagem montanhosa que se descortinava do alto de uma planície e ficou extasiado com a visão. Sentou-se ali mesmo e ficou contemplando a visão que tinha. Logo mais um outro macaco curioso com a atitude estranha daquele primeiro macaco, sentou-se ao seu lado e queria saber o que ele fazia ali, parado, sem ação nenhuma. O segundo macaco entendeu que o outro estava contemplando a paisagem montanhosa e permaneceu ao seu lado, sentado, também em contemplação extasiante. Um terceiro macaco curioso se aproximou e o mesmo aconteceu. Foram vários macacos que foram se juntando aos poucos. Ficaram em tamanho regozijo pela contemplação que, aos poucos, foram perdendo seus rabos (de tanto ficar sentado) e, diferentemente, dos outros macacos que continuavam a sua lida diária e cotidiana, estes que haviam ficado tanto tempo em contemplação se tornaram os primeiros tibetanos.

2 ENXADAS, PÁS E MARTELOS NO CANTEIRO

Em termos de estudos sérios em mitologia, não há moral da história. Há o movimento das imagens e o arranjo narrativo que faz esta tríplice articulação entre a nossa memória ancestral (*arkhé*) aquilo que denomino de *arqueomemória*: tríplice, por sua vez, pois se refere ao cérebro reptiliano (cerebelo e medula espinhal), mamífero (límbico) e propriamente primata hominídeo (neocortex); com o presente vivido, o qual nos possibilita uma determinada leitura e compreensão temporárias; e abre possibilidades de devir (teleologia) como um extenso reservatório de alternativas e probabilidades de ação. A rigor, esta é a noção de “mito” (FERREIRA-SANTOS, 1998; 2017; 2021a; FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2020, p. 124) com a qual trabalhamos no esteio dos pensadores e pensadoras do Círculo de Eranos, 1927/1988 (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2020, p. 69-71) que se desenvolveu em Monte Verità, Ascona, na fronteira entre Itália e Suíça, frente ao lago Maggiore. Provavelmente o primeiro círculo interdisciplinar no Ocidente que reuniu



grandes figuras expoentes desde a física quântica, etologia animal e humana, artes, química, matemática, biologia, psicologia analítica, historiadores da religião, e mitologia.

Eranos havia sido fundado por Ida Hofmann [1864-1926] em Monte Verità, e nesse período teve como hóspedes e refugiados os então estudantes Mikhail Bakunin, Trotsky e Kropotkine na chamada *Casa dei Russi*, desde então sempre com um espírito anarquista e libertário, com práticas comunitárias em artes, nudismo e vegetarianismo seguindo a proposta de uma nova *lebensreform* contra o espírito capitalista e burguês. Ida Hofmann depois migrou para o Brasil junto com Henry Oedenkoven e a 30 km de Joinville, na cidade de Palmital, onde tentam fundar uma nova colônia, chamada “Monte Sol”.

Em seguida, foi Olga Fröbe-Kapteyn (1881-1962) a fundadora do Círculo de Eranos, feminista e teósofa londrina de origem holandesa, amiga de Annie Besant [1847-1933], teósofa também feminista⁷, por sua vez, discípula da ucraniana, Helena Blavatsky [1831-1891] fundadora da Sociedade Teosófica. Com 57 volumes publicados em Eranos Jarbucher, haviam expoentes, entre outros, como: Karl Kerényi, Mircea Eliade, Gilbert Durand, F. Geisen, D. Hayard, Joseph Campbell (mitologia); Erich Neumann, Marie-Louise von Franz e James Hillman (psicologia); P. Radin, Jean Servier e D. Zahan (antropologia); Th. von Üexküll, H. Pleisner e A. Portmann (antropo-biologia e etologia); Herbert Read (arte e anarquismo) e Michel Guiomar (estética); V. Pauli, E. Schrödinger, Bernouilli e M. Knoll (ciência); H. Zimmer e G. Tucci (hinduísmo); R. e H. Wilhelm, D. Suzuki e T. Izutsu (taoísmo e budismo); G. Scholem (judaísmo); J. Danielou (cristianismo primitivo); Henry Corbin (sufismo) e Andrés Ortiz-Osés (mitologia basca). A partir de 1990 e até o presente, o Círculo de Eranos sofre alterações e inicia um novo ciclo⁸ com a participação de novos pensadores com o mesmo espírito interdisciplinar, entre eles: Henri Atlan (médico e biólogo, teórico da complexidade), Adriano Fabris (hermeneuta), Helder Godinho (principal tradutor de Bachelard e Gilbert Durand ao português), James Hillmann (neo junguiano), Hayao Kawai (janguiano especializado na cultura japonesa), Ilya Prigogine (físico-químico), Jean Servier (etnólogo e historiador, especializado em cultura berbere), George Steiner (literatura

7 Importante lembrar que *Annie Besant* adotou como filho *Jiddu Krishnamurti* [1895-1986], importante filósofo e educador indiano que, através de Annie Besant, também passou a frequentar o Círculo de Eranos.

8 Veja-se www.eranos.org



comparada), Joël Thomas (filósofo do imaginário), Gianni Vattimo (filósofo, político e hermenêuta) entre vários outros.

No contexto destas investigações, ou ainda, nos chamados “estudos do imaginário”, de matriz durandian Gilbert Durand [1921-2012], me situo no prolongamento da *mitohermenêutica* (ORTIZ-OSÉS, 1980; 2003; FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2020, p. 119-126), ou seja, um estilo filosófico de investigação e reflexão sobre os vestígios míticos e arquêmicos (relacionados à arqueomemória) sobre as obras da cultura e das artes, numa perspectiva antropológica e simbólica, que se utiliza da noção de jornada interpretativa (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2020, p. 45-47), isto é, a pessoa é o ponto de partida, meio e fim de todo exercício hermenêutico de desvelamento e constituição de sentidos, que exige um engajamento existencial, sendo sempre determinado pelo “momento mítico de leitura”. Tal estilo, que pode assumir o papel de “método”, mas de cujas amarras metodológicas nos esquivamos, envolve as seguintes estâncias:

- *ressonância*: trata-se do arranjo pré-compreensivo dos símbolos na medida em que temos uma apreensão intuitiva do fenômeno ou obra dada pela ressonância profunda de seus símbolos e imagens em nossa estrutura de sensibilidade naquele momento mítico de leitura.
- *estesia*: diz respeito ao arranjo estético-narrativo das imagens na sua contemplação tal como se apresenta ao campo perceptivo do hermenêuta usufruindo do gozo sensível do movimento das imagens e símbolos em sua dinamicidade e materialidade.
- *diacronia*: é o cotejamento do arranjo lógico interno da narrativa, tal como se apresenta na sequência temporal de sua própria constituição, no fio cronológico da narrativa, apreendendo seu modo de acontecimento: representado por uma sequência de imagens, comparável à sucessão rítmica da fuga musical.
- *etimologia*: é o correlato das perguntas infantis sobre a origem dos nomes (lembraria Sandor Ferenczi), ou seja, investigar o arranjo semântico captado na nomeação dos personagens, lugares, deidades que deixam captar sentidos mais profundos em sua função apalavreadora: o diálogo com a palavra-alma: tal como a palavra do *aedo* na Grécia arcaica, é portadora dos disfarces, das distorções, do engano; é também portadora da *aletheia*, da verdade, ainda que ela nos remeta ao insondável e ao silêncio.
- *núcleos, mítêmicos e arquêmicos*: se refere ao tratamento sincrônico das redundâncias e recorrências captadas na narrativa, como constelações de imagens e símbolos no *leitmotiv* do fenômeno ou obra. É o equivalente do trabalho metodológico de Gilbert Durand na *mitocrítica* (leitura dos mitos latentes e patentes numa obra ou autor) e *mitanálise* (leitura dos mitos latentes e patentes num conjunto mais amplo de obras ou de determinadas sociedades num espaço e tempo mais amplos).

A questão antropológica reposta no âmbito de um outro humanismo, o humanismo biocêntrico, podemos sintetizar com as simples perguntas voltadas ao fenômeno estudado: “como se produz? como se relaciona? e o que significa?”. Perguntas estas atreladas às três



dimensões da existência humana, no prisma da antropologia da pessoa: dimensão produtiva (plano do trabalho), dimensão social (plano sócio-político) e dimensão simbólica (plano da cultura)⁹. É através das mediações existenciais nestas três dimensões, intrinsecamente imiscuídas, que podemos perceber como se tecem, antropologicamente, os fios da trama social. Aqui temos a emergência das pessoas em suas próprias narrativas para além dos *constructos* abstratos que, privilegiando os modelos, transformam estas pessoas em estatísticas, tipos ideais ou ainda operadores de funções preestabelecidas.

A colocação da questão antropológica testifica a necessidade de um outro olhar na investigação. Da trama do tecido social é preciso avançar para o algodão com que se fazem os fios desta trama, e aqui os estudos teóricos, práticos e técnicos sobre o imaginário. Algodão que colhemos e que semeamos, ora ansiando pela chuva, ora pelo sol. Este anseio, esta esperança que norteia as ações concretas pertence ao domínio do imaginário. Princípio esperança, diria outro marxista heterodoxo e romântico, Ernst Bloch, ao que complementaria o saudoso mestre, Paulo Freire (1996): “Não posso continuar sendo humano se faço desaparecer em mim a esperança”. Mas, não é, precisamente, “uma geração [que] constrói a estrada por onde a próxima trafega?”, diz um provérbio taoista Izutsu (2010).

Para utilizar uma imagem, que me parece bastante apropriada, o investigador começa a deixar o ofício de relojoeiro e começa sua jornada como aprendiz de tecelão. Os instrumentos aqui serão outros. Ao invés da chave de fenda, do óleo, das engrenagens e da lupa; necessitará de boas agulhas, linhas e fios coloridos, um tear pessoal em que lhe caiba as mãos. Ao invés de controlar e limitar o tempo, penetrará e fará o seu próprio tempo. Ao invés de recriar uma ordem preestabelecida no contínuo das horas, minutos e segundos dos ponteiros; navegará de maneira contingente no vai-e-vém ondulante do “tricotar”, tecer, entre-tecer. Ou ainda este ondulante trabalho se fará com as enxadas, pás e martelos no canteiro de seu ofício jardineiro.

Assim se colocam novos problemas para antigas respostas, parafraseando o tecelão e também jardineiro bretão, Gilbert Durand: sobre pensamentos novos façamos versos antigos e novas roupas para cobrir antigos temas.

9 Veja-se a este respeito: Ferreira-Santos, 1998, 2021a; Ricoeur, 1992; Severino, 1983.



As clássicas (e necessárias) análises, de cunho mais sociológico, da estruturação bi-partida e paralela da educação como em Luis Antonio Cunha, em Educação e desenvolvimento social no Brasil (1979); com o aproveitamento de classes privilegiadas de uma educação fundamental e média nas empresas privadas de educação para a obtenção de vagas na universidade pública e, de outro lado, e simultaneamente, a destinação das classes populares ao ensino fundamental e médio nas escolas públicas - pauperizadas, acarretando o não-aproveitamento de vagas públicas e o inchaço na fatia privada do mercado das empresas de ensino superior para a obtenção de um título que lhe possa garantir alguma ascensão social; com a forte influência das teorias crítico-reprodutivistas, sobretudo, francófonas (Bourdieu, Passeron, Establet, Althusser, etc...); nos auxiliaram a compreender a estruturação capitalista da educação e perceber que, aquilo que supúnhamos ser algum “erro” no sistema é, na realidade, a função do próprio sistema. Assim sendo, não se trata de algum erro conjuntural ou incompreensão de seu “bom funcionamento” disponível aos que querem assumir o poder (e ser corrompido por ele), mas trata-se da natureza estrutural do sistema capitalista: seletivo, discriminatório, excludente, estratificador e competitivo.

No entanto, com o desenvolvimento de outros corpos teóricos, mesmo no interior de quadros mais voltados para a análise de origem marxológica, como por exemplo, a retomada de conceitos heterodoxos do italiano Antonio Gramsci [1891-1937] ou de práticas de origem libertária e socialista não-marxista, vimos aflorar outras formas de compreender a estruturação escolar e de, de certa forma, explorar as contradições internas do sistema.

De outro lado, também presenciamos o desenvolvimento de outras escolas de investigação de caráter mais etnográfico, bem como as investigações ditas “fenomenológicas”, porque simplesmente descritivas; que primavam por certo “distanciamento político e ideológico”. Na inocência política e ideológica de seus pressupostos, estas pesquisas auxiliaram a mostrar outros instrumentos, técnicas e métodos que possibilitam “adentrar” o sistema por dentro.

Consiste na possibilidade de reencontrar o valor do nosso próprio canto. Esta encarnação do *logos*, mediado pelo *mythós*, se ritualiza nas linguagens da arte-educação agudizando e refinando a sensibilidade – no seu sentido mais kantiano (do último Kant), isto é: como condição de possibilidade para todo o conhecimento. E, então, a inteligência



(a capacidade de leitura por dentro, *inte-legere*), como leitura de si e leitura do mundo em nosso mestre também “*nordestinado*”, Paulo Freire, se revela, amorosa e sensualmente, como *intellectus amoris*, a inteligência amorosa. Assim, brincar e se imbricar nas manifestações étnicas, nos exercícios lúdicos, na sinergia, na simpatia e na empatia das rodas, danças, cantigas, brinquedos populares, recursos imagéticos das fotografias, filmes, desenhos, pinturas, fábulas, etc., com o fito último de educar como rito de iniciação. Exercício de “boniteza”, na lição freireana.

É neste sentido que, na interface entre a realidade da unidade escolar e o sistema de ensino, se busca o papel fundamental de garantir e lutar por uma infraestrutura física e logística que crie condições reais e factuais para que o trabalho pedagógico ocorra e, profundamente, um encontro iniciático seja propiciado (ainda que ele prescindia deste aparato). Nesta mesma direção, a abertura à gestação de projetos locais articulados à comunidade envolvente é uma prática efetiva necessária. Desta maneira, muito provavelmente, esta pessoa causará problemas ao sistema. E que bom será se causar problemas!

3 O CULTIVO DA ROSA NO JARDIM

A rosa da esperança é, dentre vários outros muitos símbolos, a herança vegetal desta flor em especial da família *Rosaceae*, que acompanha o *homo sapiens* desde seu nascimento até os primeiros jardins na China, por volta de 3.000 a.C. Sua pertença ao ciclo primaveril é que alicerça a ligação simbólica imediata com a esperança. Mas, a rosa também é símbolo de renascimento quando associada, por exemplo, à rosa de Istambul, narrativa mítica sufi do reencontro da pessoa com sua própria alma, sua ânima: há que se perder para se encontrar. Assim como nas narrativas míticas mais diretamente ligadas ao processo de iniciação feminina, diretamente ligada ao primeiro mêstruo. Neste caso, por exemplo, a narrativa mítica basca¹⁰ da serpente *azkor* e a jovem *fiñe*, matriz do que será muitos anos depois a versão mais francesa de “a bela e a fera”, quando a fera, de serpente (muito mais próximo da iniciação feminina por sua direta ligação com o pênis

10 Recopilação em 1877 através da informante Estefanella Hirigaray a Webster, 1993, pp. 168-172.



masculino), sofre uma migração simbólica para o homem-lobo, ainda que permaneça no âmbito dos símbolos anímicos pois o lupínico está também relacionado ao ciclo lunar.

Mas, gostaria de enfatizar neste aspecto mais freiriano a simbologia político-social da rosa, ainda que ela não seja excludente dos aspectos que já mencionamos, mas adquire tonalidades mais específicas. A rosa é símbolo, por excelência, das alternativas ideológicas socialistas.

A experiência da *Comuna de Paris* [18 de março a 28 de maio de 1871] tinha a bandeira vermelha como emblema dos *communards*, mas o “chanceler de ferro” alemão, Otto von Bismarck [1815-1898], vitorioso na guerra franco-prussiana e com aumento das forças reacionárias libertando presos franceses para combater a Comuna, forçou o parlamento a adotar leis anti-socialistas e a perseguir socialistas e anarquistas independentemente de prisão e julgamento: proibição da bandeira vermelha e a cifra horripilante de 17 mil parisienses executados, 40 mil prisioneiros e mais de 13 mil condenações, num conluio das forças reacionárias que aliou republicanos, monarquistas e liberais contra a primeira experiência de auto-organização proletária naqueles dois meses de existência da Comuna. Aqueles que portassem fitas vermelhas também eram acusados e, ao fim, passaram a adotar botões de rosas vermelhas na lapela. Mesmo assim, o judiciário continuou a reprimir o seu uso alegando que, aqueles que portassem tal flor vermelha na lapela e fossem socialistas ou anarquistas, seriam condenados por usar um símbolo do partido ou da pertença ou simpatia pela Comuna.

O senhor é um educador comunista?” Acho que essa é uma pergunta legítima. Foi por conta do direito à pergunta que eu fui preso e exilado (...) eu não sou anticomunista no sentido medieval do termo como aquele que come gente, de rosife, mas também não sou comunista. Sou um socialista, eu acredito num socialismo, eu acredito na participação popular, na transformação do mundo por aqueles e aquelas que se encontram roubados no seu sentido de ser (FREIRE, 1989, s/p).

Desta herança *communard*, muito mais próxima da experiência radical de auto-organização autopoética comunitária e anarquista do que de pseudos princípios “comunistas”, nos vem atualizando esta “canção óbvia” da conhecida canção “A Internacional”, de autoria do poeta operário e militante anarquista francês Eugène Pottier [1816-1887] que participou ativamente da Comuna de Paris, sempre cantada com a música da “Marselhesa” (pois ela havia sido proibida na repressão de Bismark). Depois da



morte de Pottier, o compositor franco-belga Pierre de Geyter [1848-1932] compôs a melodia final [1888] que viria a ser conhecida em todo o mundo e receber as mais variadas adaptações a várias línguas. A versão em português foi realizada pelo poeta e também anarquista português Neno Vasco [1878 – 1920]:

De pé, ó vítimas da fome, de pé, famélicos da terra
Da ideia a chama já consome, a crosta bruta que a soterra
Cortai o mal bem pelo fundo, de pé a pé não mais senhores
Se nada somos em tal mundo sejamos tudo ó produtores
Senhores patrões chefes supremos nada esperamos de nenhum
Sejamos nós que conquistemos a terra-mãe livre e comum

Para não ter protestos vãos, para sair desse antro estreito
Façamos nós com nossas mãos tudo o que a nós nos diz respeito
O crime do rico a lei o cobre, o Estado esmaga o oprimido
Não há direitos para o pobre, ao rico tudo é permitido
A opressão não mais sujeitos, somos iguais todos os seres
Não mais deveres sem direitos, não mais direitos sem deveres

Abomináveis na grandeza os reis da mina e da fornalha
Edificaram a riqueza sobre o suor de quem trabalha
Todo o produto de quem sua, a corja rica o recolheu
Queremos que nos restituam, o povo quer só o que é seu
Nós fomos de fumo embriagados, paz entre nós guerra aos senhores
Façamos greve de soldados, somos irmãos trabalhadores

Se a raça vil cheia de galas nos quer à força canibais
Logo verás que as nossas balas são para os nossos generais
Pois somos do povo os ativos, trabalhador forte e fecundo
Pertence a terra aos produtivos, ó parasita deixa o mundo
Ó parasita que te nutres do nosso sangue a gotejar
Se nos faltarem os abutres não deixa o sol te fulgurar

Bem unidos façamos nesta luta final
Uma terra sem amos, a internacional
Bem unidos fazemos nesta luta final
Uma terra sem amos, a Internacional

Para que não se perca de vista a íntima relação entre o canto, a letra poética e os impulsos sonoros da melodia, indispensáveis para a compreensão de sua força mítica, sugiro levar em conta a experiência da gravação na China em 2021, em várias línguas e incluindo inclusive o rock contemporâneo, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jNJhLdkJI60>.

Bem como a belíssima interpretação a capela no último vídeo da série “Revolução Russa, 100”, dirigida por Mika Lins, que traz o tenor Jean William acompanhado do



músico Filipe Santos. Nesta série de vídeos se traz a leitura de textos importantes ligados à Revolução Russa, que completou cem anos em 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FYOyFMX0-m8>.

Além da interpretação juvenil em punk rock, já clássica, com o grupo brasileiro “Garotos Podres”, em seu quinto álbum “*Garotozil de Podrezepam*” (2003), hoje já não tão “garotos”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vYHSHYOr1is>.

E a excelente versão intercultural, passeando por ritmos latinoamericanos como o *chamamé paraguayo*, o *huayno andino*, o samba brasileiro, a *guajira* cubana, o *joropo* venezolano, e a marcha tradicional, produzida pela *Presidencia de la Confederación Latinoamericana y del Caribe de Trabajadores Estatales (CLATE)*, com arranjo e direção musical de Felipe Traine (também faz a percussão) e vozes de Natalia Martínez (espanhol) e Patrícia Souza (em português), e Maite Fleischmann na interpretação das flautas quéchuas *quena* e *sikus* (2018). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1_xD13Xa-tI.

A mesma tonalidade sonora sanguínea e a mesma rosa vermelha que se irmana com a filósofa, economista e militante polaco-alemã *Rosa de Luxemburgo* [1871-1919], espartaquista nascida no mesmo ano da Comuna de Paris e que, cedo, percebeu o desastre burocrático que se seguiria à revolução bolchevique de 1917, assassinada pelos reacionários alemães e paramilitares do *Freikorps* e teve seu corpo jogado às águas geladas do riacho *Landwehrkanal*.

A rosa também figura entre a iconografia do governo da *Unidad Popular* no Chile do médico Salvador Allende [1908-1973], no primeiro governo socialista eleito democraticamente e brutalmente assassinado no bombardeio sobre o Palácio de La Moneda em 11 de setembro de 1973, o setembro negro, durante o golpe militar do General Augusto Pinochet [1915-2006] incitado e apoiado amplamente pelo governo norteamericano e que se estenderia até 1990 com um saldo de 80.000 pessoas presas, 30.000 pessoas torturadas e mais de 3.000 pessoas assassinadas. A mais cruel repressão de uma ditadura militar nas Américas.

Curiosamente, estas experiências libertárias e de auto-organização tiveram forte participação das mulheres que, no *front* de batalha ou como suporte efetivo nas organizações, também lutavam pelos direitos iguais entre os sexos e o direito ao voto, tão



proletarizadas quanto os homens naquele período industrial e de avanço sistêmico do capitalismo. Esta participação também se percebe, simbolicamente, na utilização da rosa vermelha anímica.

Em Angicos (Rio Grande do Norte), em 1963, em 45 dias, a experiência da alfabetização de adultos com a participação de 21 monitores, criou a possibilidade de ampliar para 20.000 círculos de cultura, alfabetizar 2 milhões de pessoas, então com direito ao voto. O general Castello Branco, em visita do governo à experiência já antecipara a Paulo Freire: “O senhor é um subversivo!”. Ao qual Paulo Freire responde: “Depende do ponto de vista”. No golpe de 1964, no ano posterior, é preso por duas vezes e depois exilado por 16 anos.

Como que é que um cara como eu, um professor humilde, simples, precisava de um aparato daqueles em cima de mim, era muito fuzil para um cara só. Cercado de balas por todos os lados. Eu era a ira das balas! Que coisa ridícula, profundamente ridícula (FREIRE, 1998, programa 2).

A rosa que cresce e floresce mesmo entre espinhos. O vermelho sanguíneo do drama vegetal que anuncia a dor e, ao mesmo tempo, o regozijo do renascimento em sua própria primavera. Mas aqui a rosa também comporta o ciclo terrífico do mito da primavera sacrificada como se pode verificar também nestes fatos históricos: eliminar, em pleno broto em direção à plenitude de sua floração, a futura flor ceifando sua vida com as lâminas cortantes e heroicas guiadas pela razão instrumental. Ciclo mítico amplamente investigado por Gilbert Durand, sobretudo, em seu *“Beaux-arts et archétypes: La religion del'art”* (DURAND, 1989; FERREIRA-SANTOS, 2012, p. 87), abordando a redundância do mito nas principais obras do poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare [1564-1616], entre elas, a filha *Miranda* sob o exílio de seu pai, o Duque Próspero, em *A Tempestade*, assim como:

a ondina Ofélia morta no rio diante da hesitação de *Hamlet*; a sílfide Desdêmona diante do ciúme negro e assassino de *Othelo* sob as manobras psíquicas de Iago; a sonhadora Julieta no embuste mensageiro e hermesiano do frade que não entrega a mensagem a tempo em *Romeu e Julieta*; estes entre outros textos menores em que o mitema se repete (FERREIRA-SANTOS, 2012, p. 90).



Paulo Freire, em sua “canção óbvia” reafirma: “Como o jardineiro prepara o jardim, para a rosa que se abrirá na primavera”.

A pessoa jardineira prepara a terra que foi devastada. Seja pelas ervas daninhas, seja pela seca, seja pela queimada, esta pessoa trabalha a terra e a revolve, isto é, desalinha a superfície, cavoca seus íferos, desestabiliza a concretude dos torrões, retira o que está em baixo e traz à tona, deslocando o que está à tona para os íferos. Depois do arar e revolver a terra, se fertiliza de maneira escatológica com aquilo que foi rejeitado por todos: o estrume. E, por fim, se faz o funeral das sementes enterrando-as. Se amanhã carinhosamente a terra que recobre as sementes. A nutre com as regas regulares. E espera.

Eis aqui a chave mítica e laboriosa (prática) herdada da invenção feminina do cultivo nas comunidades agrícolas matriais: a esperança. Não se trata da ocidental esperança inócua e passiva, mas da mais trabalhosa, persistente e sistemática esperança ativa: talvez o próprio motor da história como diria o marxista alemão Ernst Bloch [1885-1977] sobre o “princípio esperança” (*Das Prinzip Hoffnung*, 3 volumes de 1954 a 1959), obra que não apenas exerceu influência sobre Paulo Freire, mas também se estendeu teologicamente aos movimentos de esquerda na igreja católica, a partir de Puebla, na chamada Teologia da Libertação. Bosi (1977, p. 160), historiador e crítico de literatura, afirmou: “Na hipótese do grande pensador hegeliano e marxista Ernst Bloch, é a antecipação que produz, em qualquer tempo, a estrutura simbólica da utopia”.

E esta estrutura simbólica possui dois fatores importantíssimos e pouco abordados: de um lado o fator ético, e de outro lado, o fator estético. É neste imbróglio que Paulo Freire tem uma contribuição gigantesca ao afirmar, inúmeras vezes, a necessidade de diálogo íntimo entre a “justeza e a boniteza” do fenômeno. O caráter justo que é sempre decorrente de uma correlação de forças entre aqueles que são expropriados e seus expropriadores, não é coincidência a formação inicial em Direito em Recife. A justiça não se coloca como ponto de partida, mas como horizonte a se chegar, sempre através do diálogo. E é a partir do diálogo posto, do reconhecimento da dignidade humana das pessoas que o avanço à justeza das relações e de suas realizações pode se estabelecer. Não há outro meio esperançoso, no sentido ativo do termo, que não passe pelo diálogo, sem o uso da força ou do autoritarismo. Este mesmo diálogo, em geral vivenciado e altamente exemplificado nos “círculos de cultura” é que demonstra o seu caráter estético: o fazer-junto (*ais-thesis*) que



plasma uma obra, seja ela uma obra artística, uma obra educacional, uma obra transformadora da realidade social e “preservar o inaugurado” (FREIRE, 1989). A boniteza da realização, em seu próprio processo, atesta seu caráter ético, e vice-versa.

A semente que cai na terra perde-se, morre para o mundo, morre para si mesma. Mas quando germina, tudo pode recomeçar, para si e para o mundo. O Poeta, depois de ter conhecido o sepulcro, reergue-se e refaz com o verbo a Terra e os Tempos (BOSI, 1977, p. 186).

Assim se exprime Alfredo Bosi, o mesmo crítico e historiador de literatura que tinha o marxista heterodoxo italiano Antonio Gramsci, de um lado; e a militância junto aos operários da cidade de Osasco/SP nos anos 70, além do envolvimento direto com as questões de direitos humanos, sendo a “resistência”, uma de suas imagens diretoras. O trecho acima se refere ao verso do poeta, pintor e gravador inglês, (WILLIAM BLAKE *apud* BOSI, 1977, p. 185) “Descerei ao sepulcro para ver se rompe a manhã”.

Este ciclo mítico, de natureza lunar-dionisiaca, em seu momento de *catábase*: descer aos íferos ctônicos; se articula com o momento diurno-apolíneo da *anábase*: a ascensão ao reino urânico. No entanto, isso somente ocorre depois da devida transformação do neófito ainda na região dos íferos. Isto quer dizer que o ciclo mítico “completo” envolve mais do que a pertença a um ou outro regime (dionisiaco ou apolíneo, noturno ou diurno), mas, como venho pesquisando há muitos anos, se situa num terceiro regime de imagens a que chamo de “crepuscular” (FERREIRA-SANTOS, 1998; 2005; 2017; 2019b; 2021a); referentes ao que Durand havia constatado como estrutura disseminatória, dramática ou ainda sintética, porém sub-vinculada ao regime noturno naquele momento de suas investigações em 1960 (DURAND, 2000).

É precisamente o trânsito transformador recíproco que é característico deste regime de imagens: seja pela alternância, pela progressividade ou pela conciliação de contrários. Seu mais fiel emblema na mitologia grega é *Hermes*, ou o *Mercúrio* romano. Ou mesmo também perceptível nas figuras de *Ganesha* hindu ou seu pai *Shiva*, *Esù* yorubá, *Tonapa* quéchua-andino, *Sum Wukong* chinês, *Koe’ti* guarani, o *boto* ribeirinho, o *veado branco* das sertanias.

Por isso, sem querer aqui extrapolar para as intermináveis discussões metodológicas seja na ação cultural ou nas pedagogias escolares, a adoção dos “círculos



de cultura” pelo legado freiriano seria uma das marcas mais crepusculares de sua ação-reflexão: descer aos inferos da própria comunidade, dialogar com eles nos próprios inferos para criar espaços de transformação de ambos (tanto neófito como condutor), e a ascensão da conquista de direitos na justeza da vida cotidiana. É essa a “boniteza” do processo e, me parece, uma alternativa mítica que muitos resultados evidenciou no Brasil e no mundo.

No entanto, houve e continua havendo um grande problema nesta trajetória que vimos presenciando. O legado freiriano (prefiro, como ele próprio, não chamar isso de “método”) teve ampla repercussão nos movimentos populares, pois exigia e exige a presença humana em seus próprios territórios e um compromisso de antemão com seus anseios: primeiro momento com o conhecimento da realidade dos envolvidos, segundo com a tematização em temas-geradores a partir de palavras comuns a esta realidade; e o momento da problematização: o que fazer diante disto?

para o educador popular é através do diálogo é mostrar ao povo, os seus avanços, para que o povo não desanime e não caia na desesperança¹¹.

O que também equivale a uma atitude menos arrogante, vanguardeira, iluminista de “arrastar” os pobres e oprimidos à “santa e douta” universidade para serem “libertos” pelo conhecimento (ocidental, patriarcal e capitalista).

O mesmo não se pode afirmar com relação à escola, pública ou privada, nas políticas públicas de educação. A tarefa básica, numa outra perspectiva de *poéticas públicas* de educação (pela auto-organização) é tornar a escola pública em escola popular, uma escola cidadã: possivelmente mantida pelo Estado, mas administrada pela comunidade ou ainda como vimos denominando: uma escola comunitária, pública mas não-estatal.

Naqueles espaços já contaminados pela visão iluminista, sendo braço “armado” e burocrático do Estado no seio das comunidades, ou sendo braço “pago” à iniciativa privada em seus compromissos com o mercado capitalista; a escola não é espaço privilegiado para ações transformadoras. Tanto como braço estatal ou como empresa, as culturas escolares estão intimamente ligadas às lógicas organizacionais burocráticas: hierarquia, controle, fiscalização e produtividade.

11 Depoimento, Paulo Freire, *Importância do ato de ler*, 2014. Canal youtube de Mariana Martins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hgdnZDTEBiU>



A organização apropria-se de nosso corpo, de tal forma que qualquer ruptura nos aparece como uma auto-ruptura. É aí que a adesão à organização encontra um de seus fundamentos; o corpo, que adere à organização visualizando a possibilidade de uma ruptura reage com alta carga de ansiedade. Controladores e controlados engajados no mesmo processo participam de uma comunidade de destino: a organização da racionalidade. A análise da violência e do sacrifício é inerente à estrutura organizacional (TRAGTENBERG, 1976, p. 15-30).

Esta faceta da organização acompanha a pressão pedagógica Durand (1996) dos mitos diretores ocidentais. Sob a perspectiva de uma *mitohermenêutica*, dizemos de uma pressão pedagógica no sentido de que um determinado mito diretor, num tempo e espaço determinados numa coletividade, dissemina imagens, disponibilidades reflexivas, ideias-força, sensibilidades que têm um funcionamento pedagógico: modelam um *zeit geist* (“espírito do tempo”). No caso ocidental, na contemporaneidade, temos no plano patente: a pressão heroica de *Prometeu* (rivalizando com o Sagrado) expresso no pensamento cartesiano, na lógica aristotélica, na ciência providente, nos ideais iluministas e na fé redentora do racionalismo. No plano patente os mitos diretores da contemporaneidade estão, aparentemente, sob a imagem de *Dioniso* expresso nos movimentos crescentes de busca de religiosidade, êxtase dos grandes eventos massivos (festivais de rock, raves, etc.), eco-pedagogia como busca e salvação da Grande Mãe (*Gaia*), hedonismo urbano e revalorização das culturas populares no âmbito rural. No entanto, a movimentação nesta tópica social entre o patente e o latente, é operada e mediada pelo mitos *hermesianos* (pensamento complexo, velocidade da informação, arte como comportamento, sistemas autopoieticos, permanência e sobrevivência de processos de iniciação de caráter oral e narrativo – a poesia e a literatura, inclusive).

Este reconhecimento da alteridade somente se efetiva no diálogo com o Outro. Isto implica em relações horizontais de fraternidade e solidariedade para a *escuta atenta* e para entrecruzar nossa própria fala na narrativa do outro. Disto se infere que estas relações horizontais somente se estabelecem se forem dentro do âmbito da autonomia dos interlocutores. Mas, o saudoso mestre, Paulo Freire, nos indagaria:

Como pode uma administração conservadora aceitar, primeiro, a própria ideia de autonomia da escola? Não pode, porque uma das características do conservantismo é exatamente a centralização do poder. Quando você pergunta o que é que significa



a própria autonomia da escola, a resposta tem um ponto de partida político e ideológico. Não é uma pergunta puramente da ciência da administração, não é uma pergunta cuja resposta dependa da pedagogia. A prática educativa vai refletir um sonho político-ideológico de quem define a autonomia (FREIRE, 1993).

Ainda que pese o fervor dos defensores de tal “transformação”, e imbuídos de todo o credo republicano, com um pouco da ânima da leitura de Paulo Freire, as resistências reacionárias foram e continuam sendo descomunais. O professorado já não possui uma formação humanista (ao contrário, sua formação é majoritariamente tecnicista), nem minimamente instruída (nos aportes básicos de conhecimentos interdisciplinares), com uma memória histórico-social apagada pela massificação da escolarização compulsória. No mínimo, é o que acompanha o desmantelamento progressivo e planejado da escola pública. É preciso relembrar que os efeitos dos acordos MEC-USAID, do golpe militar em 1964 até o final dos anos 70, expressos concretamente na reforma universitária de 1968, na instituição da pós-graduação segundo o modelo norte-americano, na profissionalização compulsória da lei n. 5692/71 e na adoção da estrutura dos livros didáticos segundo a instrução programada (padrão skinneriano) disseminados massivamente em todo território nacional – levaram à adoção acrítica e intravenosa do modelo pedagógico tecnicista.

Tal disseminação perversa permitiu alcançar (ainda que nos doa até a medula óssea ter que admitir isso) os objetivos pretendidos pelos acordos MEC-USAID, quase 60 anos depois: quebrar a resistência estudantil ao golpe militar, provocar a adesão ao desenvolvimentismo com segurança, afastar o perigo socializante, apagar a memória recente nacional, gerar uma sociedade mais dócil, submissa e propensa a seguir os líderes “corretos” (de farda ou indicados pelos fardões) e jamais pensar com autonomia nem exercê-la.

Deste ponto de vista, o profissional de educação é reconhecido ator social e, consensualmente, considerado como “importante”, mas visivelmente impotente, pois que não possui poder para tomar decisões as mais banais e cotidianas (sem que esteja devidamente previsto e normatizado pela organização) e nem possui referências que lhe auxiliem a busca de alternativas, o diálogo ou a cooperação. A impotência se revela com mais agudez no processo decisório. As poucas alterações concretas na LDB de 1996



(aprovada às pressas nas vésperas do natal daquele ano) não suprimiram a orientação geral do tecnicismo, foram pouco avançadas em conquistas regulatórias, e não foi implementado nenhum projeto nacional de educação.

Não é de se espantar que a sucessão de Luiza Erundina (na época PT/SP, hoje PSOL), mulher, assistente social, nordestina e paraibana, na prefeitura da cidade de São Paulo [1989-1992] tenha tido o voto de protesto dos paulistanos no que levou seu antagonista, Paulo Maluf à prefeitura. Paulo Freire havia sido, ainda que por um pequeno período de tempo, seu secretário de educação. No primeiro dia de mandato de Maluf foram incinerados todos os documentos, relatos de experiência, diretrizes da gestão anterior na secretaria de educação.

O *mova* – movimento de alfabetização, havia sido inaugurado naquela gestão e sobre esta experiência Paulo Freire se refere a um participante que havia escrito o nome “Nina” na lousa. Paulo Freire pergunta-lhe do que se trata e ao qual ele responde:

“Nina é o nome da minha esposa”... numa gargalhada nervosa, e eu me sinto emocionado pela significação simbólica, uma espécie de alívio centenário (...) percebi o gosto da briga, o gosto da luta para superar o obstáculo (FREIRE, 2014).

A contradição entre a autonomia da escola e o caráter centralizador da administração burocrática do sistema de ensino se desdobra nas costumeiras crises de identidade dos educadores, administradores escolares, supervisores de ensino. Trata-se de dilema presente na própria constituição do ensino formal. É neste sentido que me parece salutar recolocar os questionamentos. É bom lembrar que jamais teremos soluções práticas já que estas se pautam sempre pela racionalização de que desconfiamos, mas a natureza de intervenção nos questionamentos e problematização já apontam para soluções conjuntas e solidárias se, por acaso ou não, se mantêm firmes os princípios que nos movem. As relações horizontais fraternas e solidárias que privilegiam o diálogo podem tecer, na trama cotidiana das utopias possíveis e vividas (o sonho político-ideológico) – de maneira ucrônica – as aprendizagens de que necessitamos para continuarmos com nosso *projectum*. Distinto do “projeto” iluminista que sempre se degenera em “projétil”, o *projectum* é aquilo que se lança ao devir. Angustiante imprevisibilidade, mas há que se



lembrar que esta imprevisibilidade é constitutivo da natureza em seu impulso biocêntrico, e por extensão, também da natureza humana de que faz parte.

“Vocação do ser mais (...) nos perdemos também, estamos a um passo de distorcer a busca do ser mais, e esta distorção, chamo de desumanização (...) é um acidente trágico a que estamos sujeitos” (FREIRE, 2014).

Me lembro claramente de haver guardado em casa vários dos materiais a que eu tinha acesso nos NAE-Núcleo de Ação Educacional na Zona Leste de São Paulo, pois era evidente que todo o material seria destruído. No início da gestão de Paulo Freire à frente da secretaria de educação, fui convidado a fazer o acompanhamento diagnóstico do projeto de “interdisciplinaridade” que se implementava em algumas escolas-piloto. Quando nos encontramos pela primeira vez e foi quando me disse, ao saber que eu havia sido bombeiro ali também na Zona Leste, na região do parque do Carmo: “Meu amigo! Agora, em vez de apagar incêndios eu espero que você possa incendiar a educação!”

No entanto, os resultados preliminares das experiências eram desanimadores, não porque o projeto possuísse grandes falhas metodológicas, muito ao contrário, era densamente respaldado com pesquisas e reflexões já acumuladas e recentes sobre o papel da interdisciplinaridade nas ciências e na educação. Mas, os resultados eram desanimadores pois demonstravam claramente a resistência do professorado (salvo honrosas exceções) ao conceito, que tinha dificuldades cognitivas de compreendê-la. Na prática, esqueciam a especificidade de suas disciplinas e se limitavam a proferir slogans, constatações banais e superficiais sobre os temas-geradores antes diagnosticados na comunidade escolar, não efetuando o que se esperava, que era tratar o tema segundo a sua especificidade, de maneira transversal e criar espaços de expressão dos alunos e possíveis organizações com a comunidade. Além das claras resistências ao elemento principal das ações propostas, que era a dialogicidade.

Mas agora, ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado (FREIRE, 2001, p. 259).



O festejo da maioria dos professores reacionários na eleição de Paulo Maluf incluía: “agora acabou essa estória de ‘diálogo!’”

A poesia do mito e do sonho está rente à pura privatividade, mas, pelo discurso articulado, a sua poética deve tornar-se pública, universal. Uma coisa é viver subterraneamente a memória dos próprios afetos e configurá-la em imagem, som, ritmo; outra é comunicar a razão da privatividade. Quando se passa a esse estágio, a poética explícita cruza, não raro, com alguma forma conservadora de ideologia que tende a mitificar, sob nomes diversos, interesses de grupos em defensiva: Tradição, Passado, Casa, Nação... “O mito está à direita” é uma frase inquietante de Roland Barthes que, avulsa, pode desnortear. A rigor, Direita é toda violência potencial e sempre alerta em uma sociedade de classes. A Direita não cria, *ex nihilo*, o mito, mesmo porque a Direita não é criadora; mas vale-se do mito e usa o tesouro da memória para “resolver” verbal e emocionalmente as contradições de uma dada formação histórica. Seja como for, os seus grandes mitos funcionais (Sangue, Raça, Terra) não coincidem concretamente com as imagens que os poetas evocam para se refugiarem da opressão. E mesmo que coincidam na superfície das letras, não convergem para aquele sentido vivo e encantador que as figuras da infância ou da tradição popular assumem no contexto do poema (BOSI, 1977, p. 151-152).

Por isso, a canção óbvia da justeza e da boniteza em Paulo Freire atravessa suas múltiplas “pedagogias”; principalmente porque não há um “método”, mas princípios que guiam a ação-reflexão (práxis). A pergunta, em política e educação, movida pela indignação, provoca o diálogo e o conflito junto ao oprimido que, desta forma, pode exercitar sua autonomia e consolidar sua esperança. Aqui fazemos uma alusão narrativa aos títulos que perpassam a obra de Paulo Freire, explicitamente, relacionados com as “pedagogias”:

Pedagogia do Oprimido (1970).
Por uma Pedagogia da Pergunta (1985).
Pedagogia da Esperança (1992).
Pedagogia: Diálogo e Conflito (1995).
Pedagogia da Autonomia (1996).
Pedagogia da Indignação (2000).

Reafirmaria o próprio Paulo Freire a este respeito:

Ler não é passear por cima das palavras. Ler é ter uma compreensão profunda do lido, estética também do lido. Se este país levasse a sério o exercício da leitura da palavra associada a uma leitura do mundo, com todas suas implicações de ordem estética e de boniteza, e também de liberdade de criação. Eu acho que ensinar a ler



e a escrever numa perspectiva como esta faz parte da pedagogia da democracia (FREIRE, 1998, programa 4).

4 À SOMBRA DA ÁRVORE

Desta forma, tendo em vista o conjunto da obra, já a partir de seus títulos (e evidentemente conhecendo seu teor) há uma trajetória que renega classificações e cristalizações indevidas. O próprio Paulo Freire testemunhava em vários de seus textos e conversas, o quanto havia aprendido e o quanto ainda estava aprendendo, revisando posturas, exercitando sua própria autocrítica à luz dos contextos sócio-históricos, das suas relações com o mundo, com a vida e com as pessoas, sem deixar de ser um contador de histórias. Assim foi com relação à língua do opressor, às questões de gênero, ao racismo e ao dinamismo dos mecanismos autoritários e da opressão, bem como o seu avanço paulatino de um humanismo ainda antropocêntrico marcado pelas ditaduras e pelo avanço totalitário em transições frágeis de uma “democracia representativa” para um humanismo biocêntrico e sua compreensão cada vez mais ecosófica: “Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida” (FREIRE *apud* Introdução por Ana Maria Araújo Freire (Nita), 2015).

No Chile, eu recém-chegado¹², um dia eu saio com um companheiro chileno e ponho, bem ao meu jeito, minha mão no seu ombro. Ele se sente mal, dá um trejeito no corpo assim e me diz: “Paulo, no Chile um homem não põe a mão no ombro de outro homem”. Anos depois, eu vou a África pela primeira vez na Universidade na Tanzânia. No intervalo da primeira aula, eu saio passeando no campus com outro professor tanzaniano. De repente, ele agarra a minha mão e fica balançando no jardim. Eu fiquei doido e pensei: *se um recifense passa por aqui agora vai dizer que Paulo se degenerou completamente*. Realmente há algo de errado na minha cultura que não permite um gesto afetivo. A mesma coisa. Vocês não imaginam o quanto eu aprendi no segundo momento desta prática, nesta experiência do corpo, do toque do corpo. E aí eu me curei (FREIRE, 1998, programa 4).

12 Paulo Freire viverá no exílio no Chile de 1964 a 1969 e pode implementar várias de suas práticas sob o governo mais social e dinâmico do então presidente Eduardo Freire e, de certa forma, preparará terreno fértil para o governo da Unidad Popular, tendo Salvador Allende como o primeiro governo socialista eleito pelo povo em 1971, morto posteriormente no golpe militar de 1973 sob o comando do general Augusto Pinochet. Suas marcas culturais na Unidad Popular são várias e evidentes, assim como no crescimento do reconhecimento das culturas populares e no movimento da “*Nueva Canción Chilena*”.



Numa palestra, respondendo a uma primeira pergunta de um conterrâneo recifense lembrando que o havia contatado na volta do exílio na época, Paulo Freire lhe havia perguntado “Você não sente saudade do cheiro de caju?”. Paulo Freire confirma e acrescenta retomando a experiência na Tanzania:

No exílio, com o cheiro de caju me perseguindo chego à Universidade na Tanzania, e o *campus* é todo plantado com caju e mangueiras, e eu um cara do nordeste proibido de voltar ao Brasil, fiquei doido (...) O único problema que eu tive foi que eu estava passeando com um professor e, de repente, ele agarrou a minha mão e ficou assim balançando. E eu pensando comigo “o que é que vão dizer em Pernambuco?”... Ao recontar esta história eu quero fazer uma declaração pública: a minha reação era uma reação machista. Uma reação discriminatória. Eu evolui muito e tenho um profundo respeito pelas opções dos outros. Das mulheres que querem viver e exercer a sua sexualidade com outras mulheres, e dos homens que exercem sua sexualidade com outros homens. Eu estou muito bem no meu campo, mas respeito profundamente os outros. Quero fazer a crítica a mim mesmo, e isso é crítica à minha cultura (...) O momento que ele deslargo, eu meti as duas mãos no bolso. Com medo. Era quase uma agressão (FREIRE, 1994).

Acabar com o analfabetismo e com a consciência hospedeira da opressão (ou seja: seguir com os mesmos comportamentos do colonizador), tornou-se também uma experiência de autocrítica para Paulo Freire quando identifica nas experiências nas Áfricas que o português é também a língua do opressor:

De fato, o problema da língua não pode deixar de ser uma das preocupações centrais de uma sociedade que, libertando-se do colonialismo e recusando o neocolonialismo, se dá ao esforço de sua recriação. E neste esforço de recriação da sociedade a reconquista pelo Povo de sua Palavra é um dado fundamental (FREIRE, 1978, p. 161).

Ou ainda na expressão do poeta e músico paraibano, Chico Cesar, na canção “Beradêro”¹³, aboió nordestino composto em 1984:

Cadeiras elétricas da baiana
Sentença que o turista cheire
E os sem amor, os sem teto
Os sem paixão sem alqueire
No peito dos sem peito uma seta
E a cigana analfabeta
Lendo a mão de Paulo Freire.

13 Chico Cesar, álbum “Aos Vivos”, 1995. Disponível ao vivo em:
<https://www.youtube.com/watch?v=QlXD1BDiZCk>



Quando estive em Euskal Herria (país basco), no norte da Espanha, em minhas investigações de campo sobre a mitologia basca e suas íntimas relações com a mitologia quéchua e guarani, com imersões ao longo do período de 2003 a 2010 e, inicialmente, com a supervisão de pós-doutoramento com o filósofo e mitólogo Andrés Ortiz-Osés [1943-2021], membro também do Círculo de Eranos e, na época, professor na Universidad de Deusto (Bilbao), tive uma grata surpresa ao atender um convite para uma entrevista na rádio Bilbo Hiria 90,0FM¹⁴. A rádio é uma experiência de divulgação do euskera (língua de euskadi, Euskal Herria) no projeto "*Zenbat Gara*" (em euskara é uma pergunta: *quantos somos?*) que articula um café e restaurante com shows no andar térreo do prédio (como base do autofinanciamento), o *café antzokia*; e nos andares acima do prédio funcionam aulas de língua euskera, artes visuais e a rádio que é falada em euskera.

Não devemos esquecer que durante a ditadura do General Franco [1892-1975] (na ascensão do nazifascismo) se proibiu todas as línguas nativas do território que hoje se chama de "Espanha": euskera, catalão, árabe, gallaico-português, etc. A solução basca para a manutenção da língua, da cultura e da gastronomia (as três sempre andam juntas em prol da autonomia) foram as "*ikastolas*", centros de difusão da língua e da mitologia com crianças pelos mais velhos no interior dos caseríos nas montanhas e litorais. Quando o regime caiu, as *ikastolas* que se estenderam aos centros urbanos se tornaram índice de qualidade na educação de euskadi, muito mais à frente das escolas públicas do Estado com sua opressão através da língua espanhola. Junto com a mítica e histórica *Gernikako Arbola* (*árvore de Guernika*), sob a qual se juntam os foros para as discussões conjuntas de Euskal Herria, desde 1512 na Idade Média, é lição que precisaríamos prestar atenção em tempos sombrios dos mesmos fascismos.

Curiosamente, o princípio educativo que eles adotam para tudo isso, é nosso mestre zen nordestino, Paulo Freire que figura num quadro da sala de aula. É preciso lembrar também que o português, no nosso caso, também é uma língua do poder e nos oprime através da escolarização. Até o início do século XX o *nheengatu*, o *yorubá*, o *quimbundo*, o *guarani* eram as línguas mais faladas por nós. E fomos subjugados na língua, na cultura

14 Entrevista Marcos Ferreira-Santos (2003) Bilbo Hiria 90 0FM, Zenbat Gara, Bilbao, Euskal Herria. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6tvXd7KYSzs>



e na autonomia pela língua e cultura do opressor português, precisamente, através de seus aparelhos de dominação privilegiados e aprendidos com o etnocentrismo europeu: a escola e a universidade.

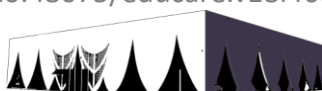
A influência de Paulo Freire se estende aos movimentos indígenas na América Latina e, em especial, no Equador. Trata-se do doutorado de minha ex-orientanda, Morales (2018), colombiana que já está há vários anos na UNAE – *Universidad Nacional de Educación (ecuador)*. E que inveja! Uma universidade de educação, e não apenas uma “faculdade” ou “departamento” de educação, como acontece conosco no Brasil. Ela explorou bem as influências de Paulo Freire no movimento autóctone de autoformação do movimento indígena (e, portanto, contrário à educação estatal), numa perspectiva de estado plurinacional e intercultural). Isso levou à predominância dos princípios de *sumak kawsay* Ferreira-Santos (2018) (*vivir em plenitud*), que é um ancestral princípio quéchua na carta constitucional do Equador a partir de 2008, e do qual eu mesmo vinha sendo um colaborador até a recente virada mais conservadora em toda a América Latina.

Sobre as experiências no exílio, Paulo Freire afirmaria que a primeira lição foi que “não é possível fazer juízos de valor sobre a cultura”¹⁵. Mas, os ouvidos conservadores jamais toleram a voz dos excluídos.

Na figura do gestor democrático, também aqui Paulo Freire inovou, como atesta Lisete Arelaro, preocupado com a qualidade social da escola e com uma formação continuada dos quadros profissionais no diálogo com a sua comunidade:

Primeiro movimento: perguntou aos alunos, funcionários, professores e pais, o que achavam da escola, em que eles ou seus filhos estavam matriculados ou que atuavam, profissionalmente- e essa ação constitui a realização do primeiro diagnóstico da escola e de suas circunstâncias. Segundo passo: perguntou, a todos, como eles gostariam que fosse sua escola – escola ideal para cada um dos segmentos que nela atuavam ou conviviam – para que a partir desses ‘desejos’ e concepções ideais, se estabelecessem os objetivos educacionais a serem atingidos, sob responsabilidade conjunta, pelas escolas. E, em terceiro lugar, **o que e em que** eles gostariam que suas escolas fossem diferentes – ou seja, realizava-se ali, uma primeira avaliação e proposição de alternativas de solução para cada uma e para todas as escolas, respeitando-se a história e as especificidades de cada uma (ARELARO, 2007, p. 60).

15 Freire, 1989, enquanto ainda secretário municipal de educação em São Paulo, sob a gestão de Luiza Erundina.



Esta profissionalidade Ferreira-Santos e Almeida (2019, p. 141) encerra alguns enigmas que me parecem importantes sinalizadores de mudança. Nos diz Fonseca (1848, p. 439) que enigma é “uma proposição difícil de entender”, “adivinhação”. Mas, é precisamente, este enigma, esta adivinhação dos alunos ao qual se abre o corpo do ensinante, no fomento da curiosidade epistemológica que funda uma relação dialógica; é este enigma da profissionalidade que nos pontua veredas ainda a percorrer no sertão pedagógico.

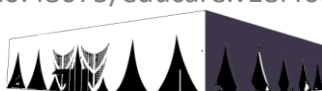
Neste caso, evidentemente, só pode valorizar as histórias de vida e os vários modos de ser dos outros, quem possui a sua própria modulação de ser como abertura ao diferente, com o desejo de aprender a diferença para enriquecer o seu próprio modo de ser. A experiência da contingência e da imprevisibilidade é vivenciada no seu caráter mais pedagógico: como ensinamento e não como obstáculo. Aqui, mais uma vez, nos aclara Paulo Freire:

O fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática (FREIRE, 2001, p. 259-260).

Esta profissionalidade vivenciada no dia-a-dia marca a diferença entre o profissional de educação que, mesmo pertencendo ao mesmo quadro, exerce sua profissão e aquele que professa sua destinação.

O primeiro é refém da profissionalização e estigmatizado pela dinâmica organizacional.

O segundo assume seu próprio processo de formação nas mais variadas instâncias e afronta a vida institucional com curiosidade, criatividade e ousadia. Ou, numa palavra: incomoda. Rapidamente, pela sua própria presença e modo de agir não se enquadra nos estigmas e passa a ser uma referência para aqueles que buscam: seja no cenário da diretoria de ensino, na oficina pedagógica ou na unidade escolar.

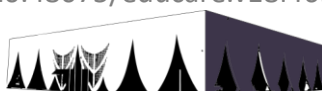


Paulo Freire sempre considerou o erro como um momento epistemológico e, precisamente, por isso, nunca deixou de assumir erros ou evitá-los para que algo possa se construir, como conhecimento e como modo de ser. Um exemplo disso é o fato de que Paulo Freire sempre foi cético com relação à linguagem e uso do rádio e da televisão. Naqueles anos eram chamados de “meios auxiliares de instrução”, pois ainda não se tinha o conceito de “mídia” difundido. Entre eles, ainda havia um parco aproveitamento de jogos de computadores (*Atari, Ping Pong, Amazonia, Odissey, Pac-man* etc), mas os principais meios eram os velhos projetores de slides e retroprojetores. Num encontro que tive com ele num evento promovido pelo Instituto Itaú em 1994 discutindo o papel da comunicação e dos meios de comunicação, ele reafirmava a necessidade de tratar epistemologicamente a questão pois nenhuma comunicação é imparcial ou neutra; e éramos concordes em afirmar que o profissional, docente ou não, pode utilizar os meios de acordo com suas concepções e projetos, mas ele nunca deveria ser “extensão” dos meios ou das máquinas. Era comum, na época, os ácidos comentários de alunos e alunas dizendo que, se queimasse a lâmpada do projetor de slides ou do retroprojetor, não haveria aula.

Sob o sol escaldante da falta de perspectivas e falência geral da esperança, a presença destas pessoas são grandes árvores que nos aliviam com sua sombra acolhedora e revigorante. Estas pessoas são aquelas que vivem a sua profissionalidade e não nos dão conselhos, nem discursos, nem slogans, nem bandeiras ou inimigos a combater. São elas próprias a matéria viva de seu ensinamento: poesia em carne e osso e alma. Atitude e possibilidade: possibilidade.

Você tem o sonho estratégico, que é o da multiculturalidade, mas tem que ter táticas para falar dele, porque você pode cair nos exageros do discurso - que são idealistas, voluntaristas - e você pode perder o emprego. E a questão sua não é perder o emprego; é manter o emprego e ajudar seu sonho. Acho que não há fórmulas para isso. Você tem que recriar todo o dia as suas táticas para superar o exclusivismo de uma compreensão cultural estreita (FREIRE, 1993, s/p.).

Isto reafirma a constatação de que um processo educativo autêntico não pode prescindir do diálogo, da paixão e da liberdade; isto é, da autonomia da pessoa em realizar-se, junto dos seus, em prol dos seus, na mais surpreendente boniteza de autonomia de que dizia nosso mestre Paulo Freire à sombra de uma mangueira, velha sábia dos quintais, aquela mesma dos seus próprios inícios rabiscando no chão com um graveto.



Há uma força mítica no trajeto do cultivo das rosas no jardim para o cultivo das árvores que aproxima Paulo Freire dos *Upanishads* vendantas em que o termo em sânscrito se traduz literalmente como “*sentar-se ao pé da árvore para ouvir o mestre*”. É a sua atitude, muito mais do que as propostas em si, que me favorecem, pensar simbolicamente e miticamente, a presença da árvore como “*axis mundi*” (o eixo do mundo) biocêntrica, traduzido em sua “*à sombra dessa mangueira*”, com uma atitude zen, como um mestre zen nordestinado.

Um coro estranho se ergue dentre estas ruínas
antigas sombras, estáticas, rezam
ou é, apenas, o vento que soluça
passando, indiferente, pelos ramos?..
(...)
Ah! Daqui
vento nenhum arrastará a noite
e exporá ao Sol os mistérios, que dormem
sob a paz tutelar, das árvores anosas...¹⁶

Ainda que tenhamos que desfazer ligações rápidas e superficiais das tendências norte-americanas e contemporâneas, eficientes em seu fagocitismo e ávidas em seu pragmatismo inerente, das chamadas correntes de “*mindfulness*” que se espraiam sobre a educação. A “*atenção plena*” se sugere como sendo a consciência que surge ao prestar atenção, de propósito, no momento presente e sem julgamento, tendo como um dos fundadores, o norte-americano Jon Kabat-Zinn (1944), que estudou zen, budismo e práticas de yoga, fundou o *Centro Zen* de Cambridge e *Stress Reduction Clinic* da Universidade de Massachusetts, e se dispôs a incluir estes seus conhecimentos na ciência médica ocidental. Outros tem espraiado estas “contribuições” para a gestão de conflitos, na cultura corporativa, na psicologia e na educação:

Mindfulness, se conectada à pedagogia freiriana, pode ser percebida como uma condição de emancipação de formas de opressão e de sofrimento, assim contribuindo para que os atores sociais que compõem os espaços educacionais – professores, alunos e gestores – conscientizem-se de suas próprias demandas, sejam elas físicas, mentais, emocionais ou relacionais, no contexto de sua própria realidade (sempre inacabada, pois sempre em movimento (TERZI *et al.*, 2020, p. 3).

16 Orides Fontela, *Cena*, 17 de outubro de 1956 – jornal O Município – São João da Boa Vista, aos seus 16 anos de idade.



No entanto, aqui cabe a ressalva indispensável que o Ocidente, de maneira geral, não consegue se aproximar dos sentidos e significados das filosofias orientais (ainda que Oriente aqui não seja um conceito geográfico), sempre reduzindo-os ao seu pragmatismo instrumental. A filosofia zen (muito mais do que uma “religião”) é oriunda do movimento *jain* hindu datado de mais de 6.000 a.C. e se assenta sobre a meditação (*dhyanna*). Um de seus expoentes é Mohandas Karamachand Gandhi [1869-1948] que articulou os princípios de *satyagraha* (apego à experiência da verdade), *ahimsa* (não-violência) e *ashram* (a vida em comunidade) aos princípios de desobediência civil, e assim logrou ao longo de 50 anos de árdua tarefa, a independência da Índia (1947) frente ao colonialismo britânico; mesmo sendo assassinado em praça pública durante uma oração no ano seguinte à independência por um militante fundamentalista *sikhi*. A filosofia *jain* chegou à China por volta do séc. VI, através do Tibet, sendo denominado de *Cha’an* (禪) e tão somente no séc. XIII chega no arquipélago japonês, onde se pronuncia “zen”.

Esta filosofia e atitude dialogam profundamente com o *tao* dos mestres *Laozi* [Lao-Tsé, 604-517 a.C.] e *Zhuangzi* [369-286 a.C.]. Suzuki (1989, p. 169), iminente tradutor de línguas clássicas, filósofo *zen*-budista e membro também do Círculo de Eranos, em escritos sobre Heidegger que ele identifica a forte influência que Heidegger recebeu da noção taoista de “*wu*” (o nada, o vazio) em *Laozi*, assim como em Kitaro Nishida [1870-1945], filósofo moral e da religião, amigo de Suzuki, em sua concepção do Nada Absoluto sendo o fundador da filosófica Escola de Kyoto; e do conde Shuzo Kuki [1888-1941], filósofo, poeta e crítico de arte que utilizou a fenomenologia de Husserl sobre o “*Iki*”¹⁷ japonês, e era amigo pessoal de Heidegger.

Suzuki afirma que houve uma “natural evolução” do budismo sob as condições taoistas e *zen*. Mas, não devemos esquecer que a religião budista se utilizou das filosofias *zen* e taoista, em suas várias correntes. E, em certa medida, o chamado “*zen*-budismo” é uma contradição: entre atitude espaiada numa filosofia e uma religião institucionalizada

17 *Iki* - elegante ou o anglicismo de “chique”, é um princípio herdeiro do período Edo japonês em que se articulam três aspectos fusionados: *bitai* – o sentimento amoroso da gueixa; *ikuji* – o valor do samurai; e *akirame* – a resignação do sacerdote budista. Neste sentido, em minhas investigações, o *iki* se constitui no japonismo por excelência como base do consumismo cultural (com esparsas raízes míticas em frangalhos) que acompanhou o movimento imigratório impulsionado pelo imperialismo japonês e, hoje, se articula com o capitalismo global. Seria o equivalente ao brasileiro “tipo exportação” do carnaval, samba e futebol.



baseada em dogmas que, por várias vezes, foi a religião do poder. Inclusive, nesta posição, a perseguir adeptos *zen* e taoístas, sempre arredios às formulações eclesiais e palacianas. Estas constatações nos auxiliam a perceber o quanto é superficial a aderência a modismos orientalistas que apenas mascaram opções ideológicas. Neste caso, acabamos por ter uma espécie de “Paulo Freire descafeinado”, retirado do contexto concreto, histórico-social e contra-ideológico que conformou sua práxis. Pode haver diálogos, mas não tutela.

A tutela só produz tutelados. A capacidade de decidir algo, de se posicionar no mundo e afrontá-lo, somente se aprende em situações de decisão, de afrontamento, de tomada de consciência. Portanto, não se empresta nem se dá consciência a alguém. Desperta-se, revela-se, provoca-se, se tenta trazer para fora, conduzir ao mundo, aquilo que é possibilidade, potência, vir-a-ser...

A ditadura militar de 1964 considerou e publicou que eu era um perigoso subversivo internacional, um inimigo do povo brasileiro e um inimigo de Deus, ainda arranjaram essa carga pra mim de ser inimigo de Deus (...) a ditadura continua estragando hoje, o autoritarismo não foi inaugurado pelos militares, o autoritarismo está entranhado na natureza mesma da nossa sociedade, o Brasil foi inventado autoritariamente, e os militares deram uma indiscutível contribuição ao autoritarismo, ajudaram a crescer a violência, a mentira, foi uma coisa trágica, este período de ditadura no Brasil. Deus queira, diria eu, jamais se reinvente. Meu gosto é que nós todos, brasileiros e brasileiras, meninos, meninas, velhos e maduros, tomemos um tal gosto pela liberdade, pela presença no mundo, pela pergunta, pela criatividade, pela ação, pela denúncia, pelo anúncio, que jamais seja possível no Brasil a gente voltar àquela experiência do pesado do silêncio sobre nós (FREIRE, 1989).

Dialogicidade, mútuo aprendizado, orientado pela solidariedade. Se o humano é inacabado, a utopia e a ucronia são seus constituintes: o ainda-não...

O meu caminho, talvez seja o caminho dos ancestrais: topofilia pela mátria da terra que habita minha língua, meu gesto e meu canto, meu mito pessoal e coletivo entre rosas e veredas. Ser é tão vereda que só cabe um, mas o buritizeiro ensina a comunhão. Caminho que nos leve, talvez, a “assumir o país democraticamente” (FREIRE, 1998, programa 4), à desejada e tão sonhada frátria das rosas no jardim possível das sertanias.

Disse a Musa Brasileira:
- Meu moleque aprendiz:
poeta é um barco vadio
entre o espanto e a cicatriz (...)
Olhai a pedra Drummond,
que em cada sertão
há sempre um guimarães



plantando Rosas e Veredas
(TONINHO CAFÉ, 1978).

*Escolhi a sombra desta árvore para
Repousar do muito que farei
Enquanto esperarei por ti.*

PAULO FREIRE

(“Canção Óbvia”, Genebra, março de 1971)¹⁸

REFERÊNCIAS

ARELARO, L. R. G. Compromisso e competência na gestão educacional: uma lição de Paulo Freire. *In*: VALENTE, I. **Paulo Freire Vive! Hoje, dez anos depois...** Brasília: Câmara dos Deputados, 2007, p. 53-63.

BERDYAEV, N. **De la destination de l’homme**: essai d’éthique paradoxale. Paris: Éditions Je Sers, 1935.

BERDYAEV, N. **Cinq meditations sur l’existence**. Paris: Fernand Aubier, Éditions Montaigne, 1936.

BERDYAEV, N. **Uma nova idade média**. Curitiba: Editora Arcádia, 1979.

BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1977.

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 2000.

DURAND, G. **Beaux-arts et archétypes**: La religion del’art. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

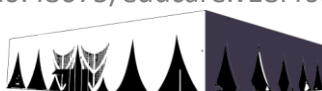
DURAND, G. **A Fé do Sapateiro**. Brasília: Editora da UnB, 1995.

DURAND, G. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

FERREIRA-SANTOS, M.; ALMEIDA, R. **Aproximações ao imaginário**: bússola de investigação poética. 2. ed. São Paulo: FEUSP, 2020. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/453/406/1590-1>.

FERREIRA-SANTOS, M. **Práticas crepusculares**: mytho, ciência e educação no Instituto Butantan. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

18 Acervo de Ana Maria Araújo Freire *In*: Freire, 2000.



FERREIRA-SANTOS, M. Música & Literatura: O Sagrado Vivenciado. *In: PORTO, S. T. et al. (ORG.). Tessituras do Imaginário: cultura & educação.* Cuiabá: Edunic/Cice, 2000, p. 57-76.

FERREIRA-SANTOS, M. O Espaço Crepuscular: mitohermenêutica e jornada interpretativa em cidades históricas. *In: PITTA, D. P. R. (ORG.). Ritmos do Imaginário.* Recife: Editora Universitária UFPE, 2005, p. 59-99.

FERREIRA-SANTOS, M. Arqueofilia: o vestígio na prática arqueológica e junguiana. *In: CALLIA, M.; OLIVEIRA, M. F. de (ORG.). Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique.* São Paulo: Paulis, 2006, p. 125-183.

FERREIRA-SANTOS, M. O Sagrado e a religiosidade na educação: caminhando com Nikolay Berdyaev. *In: FERREIRA-SANTOS, M.; GOMES, E. S. L. (ORG.). Educação & Religiosidade: imaginários da diferença.* João Pessoa, PB: Editora Universitária UFPB, 2010, p. 17-86.

FERREIRA-SANTOS, M. A última tempestade: a contemporaneidade do sacrifício da primavera num renascimento temporão. *In: ALMEIDA, R.; FERREIRA-SANTOS, M. Cinema e contemporaneidade.* São Paulo: Képos, 2012, p.71-93.

FERREIRA-SANTOS, M. Sumak Kawsay y Gandhi: diálogos para un vivir colectivo la diferencia em plenitud. *In: ALMEIDA, R.; PÉREZ, T. H. (ORG.). Culturas de paz e educação latino-americana.* São Paulo: Galatea, 2018, p. 80-129.

FERREIRA-SANTOS, M.; ALMEIDA, R. de. **Antropológicas da educação.** São Paulo: Galatea, 2019, p. 141.

FERREIRA-SANTOS, M. Arquitecturas: mitopoéticas do espaço-tempo. *In: ROZESTRATEN, A.; BECCARI, M.; ALMEIDA, R. de. Imaginários intempéstivos: arquitetura, design, arte & educação.* São Paulo: FEUSP, 2019a, p. 443-504. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/367>.

FERREIRA-SANTOS, M. (2019b). Orídes & eurídice: a ânima de uma fontela. *In: WILLMS, E. E.; BECCARI, M.; ALMEIDA, R. de. Diálogos entre arte, cultura & educação.* São Paulo: FEUSP, 2019b, p. 571-703. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/362>.

FERREIRA-SANTOS, M. **Crepusculario:** conferências sobre mitohermenêutica & educação em euskadi. 3. ed. São Paulo: FEUSP, 2021a, 460 p. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/670/596/2242-1>.

FERREIRA-SANTOS, M. **Mitologias negras em cidades brancas:** diásporas corporais em projetos críticos – 1ª parte. Youtube, 1 dez. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WHKOteTzrvs>.



FERREIRA-SANTOS, M. **Mitologias negras em cidades brancas: diásporas corporais em projetos críticos – 2ª parte.** Youtube, 1 dez. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GQJVsmC-kpw&t=0s>.

FERREIRA-SANTOS, M. **Mitologias negras em cidades brancas: diásporas corporais em projetos críticos – 3ª parte.** Youtube, 1 dez. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iEv6kxQ9Vt0&t=0s>.

FERREIRA-SANTOS, M. Oikós: topofilia, ancestralidade e ecossistema arquetípico. *In:* PITTA, D.; OLIVEIRA, E.; ALMEIDA, R. (ORG.). **As dimensões imaginárias da natureza.** São Paulo: Associação Ylê Setí do Imaginário/Lab_Arte, 2021c, p. 73-145.

FERREIRA-SANTOS, M. (2021d). Topofilia da mátria: mito & arte na reexistência. **Revista Mitologia Aberta – revista de livres pensadores mitológicos**, n. 7, p. 29-49, set. 2021d.

FERREIRA-SANTOS, M. **Direito à desconexão na idade média digital.** São Paulo: FEUSP, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/71804568/direito_%C3%A0_desconex%C3%A3o_na_idade_m%C3%A9dia_digital.

FERREIRA-SANTOS, M.; ALMEIDA, R. **Antropolíticas da Educação.** 3. ed. São Paulo: FEUSP, coleção galatea, 2019. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/318I>.

FERREIRA-SANTOS, M.; MORALES, P. P.; RUBIRA, F. **Aproximaciones a la educación sensible: vivencia en los núcleos experienciales en Astronomía y Arte-educación.** Bogotá: IDARTES – Planetario de Bogotá, 2014.

FONSECA, J. **Diccionario da lingua portugueza.** Paris; Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1848.

FREIRE, A. M. A. **Paulo Freire: uma história de vida.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau. Registros de uma experiência em processo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, v. 22.

FREIRE, P. (1989). Serginho Groisman entrevista Paulo Freire. **TV Cultura:** 1989. Entrevista Concedida a Serginho Groisman. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zx-3WVDLzyQ>.



FREIRE, P. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. Nós Podemos Reinventar o Mundo. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 71, 28 nov. 1993.

USP CDCC São Carlos. **Palestra de Paulo Freire**. Youtube, 22 nov. 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2C518zxDAo0&t=898s>.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Paulo Freire:** o andarilho da utopia. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. Organização e apresentação de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Revista Estudos Avançados, Educação Básica**, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, v. 15.

FREIRE, P. Diálogos freirianos sobre sujeito-conhecimento. **Revista Cadernos para o Professor**, s/p., 1989.

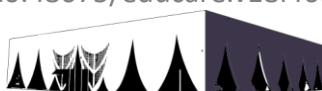
FREIRE, P.; GADOTTI, M.; GUIMARÃES, S. **Pedagogia:** Diálogo e Conflito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

IZUTSU, T. **Sufismo e taoismo**. Milano: Mimesis, 2010.

MONDOLFO, R. **Problemas de Cultura e Educação**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1967.

MORALES, P. P. (2008). **Espaço-tempo e ancestralidade na educação ameríndia:** desdobramentos de Paulo Freire na província de Chimborazo, Equador. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MOUNIER, E. **Sombras de medo sobre o século XX**. São Paulo: Livraria Agir Editora, 1958.



ORTIZ-OSÉS, A. **El Matriarcalismo Vasco**. Bilbao: Editora de la Universidad de Deusto, 1980.

ORTIZ-OSÉS, A. **Amor y sentido**: uma hermenêutica simbólica. Barcelona: Editorial Anthropos, 2003.

RICOEUR, P. (1992). Abordagens (Approches) da pessoa. **Revista Filosófica Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 11-24, 1992.

RIGUETTI, R.; ROCHA, L. A.; SANTOS, J. **Paulo Freire, o andarilho da utopia, sinopse da dramaturgia**. Niterói: Centro de Artes da UFF, 2019. Disponível em: <http://www.centrodeartes.uff.br/eventos/paulo-freire-o-andarilho-da-utopia/>.

SEVERINO, A. J. **Pessoa e existência**: iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier. São Paulo: Cortez Editora, 1983.

SUZUKI, D. T. Erinnerung na einen Besuch bei Martin Heidegger. In: BUCHNER, H. (ED.). **Japan und Heidegger**: Gedenkschrift der Stadt Mebkirch zum 100. Geburtstag Martin Heideggers. Sigmaringen: Thorbecke Verlag, 1989.

TERZI, A. M. *et al.* Mindfulness na Educação e Paulo Freire: uma abordagem reflexiva. **Interface**, Botucatu, n. 24, p. 1-14, 2020.

TRAGTENBERG, M. A Escola Como Organização Complexa. In: GARCIA, W. (ORG.) **Educação Brasileira Contemporânea**: organização e funcionamento. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976, p. 15-30.

WEBSTER, W. **Leyendas Vascas**. Madrid: Miraguano Ediciones, 1993.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2020.

Recebido em: 25-10-2022

Aceito em: 15-03-2023

